O APÓSTOLO DA MADEIRA

MICHAEL
P. TESTA

To the library of
Princeton Theological Seminary
Michael P. Testa

O APÓSTOLO DA MADEIRA

MICHAEL P. TESTA



O APÓSTOLO DA MADEIRA

(Dr. Robert Reid Kalley)

TRADUÇÃO
DE
MANUEL DE SOUSA CAMPOS

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO 125.º ANIVERSÁRIO
DA CHEGADA DE KALLEY À ILHA DA MADEIRA

Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal

OUTUBRO DE 1963

PREFÁCIO

Robert Reid Kalley, um cirurgião de Glasgow, foi o primeiro médico missionário da Sociedade Missionária de Londres. O seu destino era a China e o seu propósito era assegurar a continuidade da obra missionária que um distinto compatriota, Robert Morrison (1782-1843), tinha interrompido devido à sua morte. Durante os preparativos para a longa viagem à China, a doença súbita da Senhora Kalley tornou aconselhável deixar o inverno rigoroso da Escócia e procurar um mais rápido restabelecimento no clima moderado da portuguesa Ilha da Madeira. Chegara ao Funchal a 12 de Outubro de 1838, onde deviam permanecer oito anos.

Ali, no meio de um povo ilhéu extremamente fanático, Dr. Kalley fundou uma cadeia de escolas primárias, um pequeno hospital e empreendeu o único movimento de evangelismo em massa, de toda a história do Protestantismo em Portugal. As dimensões e a eficiência do seu trabalho missionário na Madeira podem ser avaliadas pelas perseguições de 1844 e 1846. Fugidos às violên-

cias de 1846, mais de dois mil «hereges calvinistas» deixaram a sua ilha natal, estabelecendo-se principalmente nas Antilhas e Illinois.

Tomando em conta todas estas circunstâncias, este trabalho extraordinário, um esforço inteiramente pessoal na sua origem, foi um dos mais notáveis movimentos missionários do segundo quartel do século dezanove. O Dr. A. Bonar, dirigindo-se à Assembleia Geral da Igreja Livre da Escócia, refere-se a ele como «O maior acontecimento das missões modernas».

A preocupação deste trabalho é retratar a figura desse tão generoso, prendado e competente missionário e narrar as importantes proezas levadas a cabo sob a sua dedicada orientação. O pioneiro do Presbiterianismo em Portugal tornou-se, mais tarde, no pioneiro do Congregacionalismo no Brasil. No decurso da sua vida missionária, através de volumosa correspondência e viagens longas, Dr. Kalley palmilhou três continentes, constrangido por um persistente interesse e por uma paixão verdadeiramente dominante: o bem-

-estar espiritual e material dos protestantes de língua portuguesa. Os seus esforços evangélicos deram como resultado várias assembleias de crentes; Dr. Kalley foi extraordinàriamente zeloso pela saúde espiritual e pelo crescimento das igrejas sob o seu cuidado e responsabilidade pastorais.

Eis aqui um homem estranhamente esquecido na literatura das missões e do movimento ecuménico. A sua vida e os seus feitos são recordados com gratidão pelos protestantes tanto de Portugal como do Brasil e pelos descendentes dos refugiados madeirenses de Religião Evangélica que, para não comprometer as suas consciências em matéria de fé, aceitaram a dureza da vida no clima tropical da Índia Ocidental Britânica ou na estranha fixação do médio oriente americano.

O objectivo deste estudo é despertar um interesse maior sobre este tão digno médico e cirurgião, escritor e autor de hinos, educador e filantropo, missionário e amado ministro do Evangelho, cujo espírito e serviço merece ser conhecido e lembrado.

TÁBUA DAS MATÉRIAS

INTRODUÇÃO

O extraordinàriamente prendado e hábil missionário para os portugueses de três continentes tem sido estranhamente esquecido na literatura do movimento missionário moderno. A natureza e dimensões dos seus esforços missionários não têm sido apreciadas devidamente pelos historiadores da Igreja. O pioneiro que lançou os alicerces do Presbiterianismo na Madeira e do Congregacionalismo no Brasil está ainda para ser descoberto por aqueles que têm a tarefa de reunir numa só meada os fios dispersos do movimento Ecuménico.

A história de missões lembra duas perseguições de maior importância durante a primeira metade do século XIX, designado como «O grande século Missionário» (1), as quais se deram nas ilhas de Madagascar e Madeira. O Professor Keneth Scott Latourette, na sua monumental «History of the Expansion of Christianity», passa sem a necessária paciência, sobre a perseguição na Madeira e não a considera de importância tal, que mereça mencionar o nome do missionário cuja

corajosa pregação e filantropia provocaram as violentas perseguições de 1844 e 1846. A pessoa e os acontecimentos que são a causa deste trabalho estão reunidos pelo Professor Latourette num parágrafo. Escreve ele:

> *«Não devemos perder tempo na Madeira; desde o século XV os Madeirenses são portugueses e católicos romanos. Em 1830 começou a activa propagação do Protestantismo, nomeadamente por um clérigo da Igreja Livre da Escócia. O movimento espalhou-se ràpidamente mas suscitou amarga perseguição. Muitas centenas de convertidos procuraram refúgio na Índia Ocidental Britânica e nos Estados Unidos. A sua fuga trouxe uma grande baixa sobre o protestantismo» (²).*

A narrativa da vida e obra do Reverendo Dr. Robert Reid Kalley devia ser empreendida por um hábil biógrafo. Esperamos, contudo, que

estas páginas possam servir para despertar interesse por aquele intrépido filho de Glasgow, distinto cirurgião e querido ministro do Evangelho, cujo espírito e serviço merecem ser conhecidos e lembrados.

CAPÍTULO I

APOSTOLADO NA ILHA DA MADEIRA

(1838 - 1846)

CAPÍTULO I

APOSTOLADO NA ILHA DA MADEIRA (1838-1846)

A — A CHAMADA PARA O APOSTOLADO

INÍCIO E PREPARAÇÃO PARA A CARREIRA

Aparentemente, nada, na vida inicial e na preparação de Robert Reid Kalley, evidenciava a tarefa que a Providência lhe destinava, como o maior evangelista enviado aos Portugueses. Nada parecia indicar que o influente cirurgião agnóstico de Glasgow viria a ser o primeiro portador da mensagem evangélica à pequenina ilha da Madeira, onde a eficácia do testemunho do Evangelho ia atingir proporções tais, que a Ilha, em breve, não poderia contê-lo; assim é que o Apóstolo da Madeira se viu constrangido a alargar as fronteiras de sua paróquia, para incluir crentes portugueses nos Estados Unidos da América, Brasil e Portugal continental.

Pouco se sabe da juventude do Dr. Kalley, à excepção de algumas referências pessoais que

ele fazia mais tarde com frequência, recordando cenas da sua mocidade.

O seu pai, Robert Kalley, era um afortunado negociante em Glasgow e, tal como sua esposa, Jane Reid Kalley, era membro dedicado da Igreja da Escócia ([3]).

Robert Reid Kalley nasceu em Mount Florida, nos subúrbios de Glasgow, em 8 de Setembro de 1809 e foi baptizado a 16 de Outubro do mesmo ano ([4]).

Antes que tivesse um ano de idade, morreu-lhe o pai e, dois anos mais tarde, sua mãe voltou a casar com o senhor David Kay, igualmente viúvo, mas com quatro filhos. Poucos anos depois, em 1815, a senhora Kay morreu também, deixando órfãos Jane e Robert Reid Kalley, sem pais naturais, ao cuidado do seu padrasto. Jane e Robert, todavia, foram felizes porque em casa de seu padrasto não se fazia distinção entre eles e os meninos Kay ([5]).

Depois de completos os estudos preparatórios na escola de Rennie e no liceu, Robert entrou na Universidade de Glasgow com a idade de dezasseis anos. Tanto o seu avô como o padrasto queriam que ele se preparasse para o ministério da Igreja da Escócia. O jovem Robert, contudo, estava já sob a acção dos princípios do cepticismo, tão em voga naqueles dias, e por isso preferiu matricular-se na Faculdade de Medicina e Cirurgia, onde se licenciou em cirurgia a 31 de Agosto de 1829 ([6]). Cirurgião com apenas vinte

anos de idade, sentia necessidade de adquirir experiência antes de estabelecer-se, razão por que aceitou a sua nomeação como médico de bordo em duas longas viagens a Bombaim. Teve assim oportunidade de tocar em muitas cidades costeiras e ficou chocado com o alto grau de pobreza, miséria e fanatismo religioso do Oriente. A sua reacção contra as aberrações sociais e religiosas da Índia e a convicção de que um Deus pessoal não devia ser indiferente e cego em face de tão geral sofrimento, degradação e necessidade humana, foram suficientes para confirmar o seu agnosticismo ([7]).

DO AGNOSTICISMO AO EVANGELISMO

Após a sua segunda viagem a Bombaim, o Dr. Kalley estabeleceu-se em Kilmarnock, em 1832, e num breve espaço de dois anos distinguiu-se como cirurgião muito competente. Foi em Kilmarnock que se deu a profunda mudança espiritual que alterou todo o curso da sua vida. A morte de um doente confiado ao seu cuidado, deu ensejo ao processo de sua conversão. Foi o testemunho de uma de suas clientes, uma pobre e piedosa velhinha, que suportava os sofrimentos e privações com indizível calma, paciência e que aguardava a morte como a «chamada certa de Deus» que levou Dr. Kalley de volta a Deus ([8]). Dr. Kalley, o agnóstico, declarou que se sentiu impelido, contra a sua própria vontade, a aceitar «o facto de Cristo» ([9]). Sentindo-se chamado a

uma vida de fé, impôs a si mesmo, com diligência e entusiasmo, um estudo sistemático da Bíblia. Sua conversão estava completa.

Confessou ao seu diário:

«Bastante jovem ainda, propus-me estudar os vários ramos da ciência. Com a ajuda do microscópio, investigava maravilhas da Natureza, invisíveis à vista desarmada. Com a ajuda do telescópio, penetrei o vasto espaço sideral, conhecendo as distâncias, a dimensão imensa e a grande velocidade dos corpos celestes. Como resultado dessas investigações, cheguei à conclusão que me era impossível aceitar a doutrina da existência de um Ser Divino, e nessa convicção continuei por muitos anos. Concluí que era impossível a um Ser existir eternamente e ter o conhecimento de cada objecto no Universo. Não podia admitir que um Ser assim tivesse recursos para formar energia perpétua, própria para manter em movimento, cada qual na sua respectiva órbita, a massa astral e corpos planetários, e, ao mesmo tempo, possuísse tão extraordinária atenção a ponto de poder formar os ínfimos detalhes dum corpo microscópico» ([10]).

Dirigindo-se à Assembleia Geral da Igreja da Escócia, a 21 de Agosto de 1845, o Dr. Kalley fez esta referência aos seus primeiros anos de irreligião:

«Eu fui um infiel, acostumado a desprezar toda a religião, sentindo grande gozo na frieza, nas trevas e na exibição da infidelidade...

Quando senti, satisfeito, que há um Deus, que este livro (apontando a Bíblia) é de Deus, então eu senti que cada cristão é chamado a entrar naquele campo de actividade em que melhor possa usar para Deus, todos os talentos que Deus lhe deu. E quanto a mim, tenho pensado sèriamente de que maneira, como médico cristão, posso melhor servir o Filho de Deus» ([11]).

NOTAS DA SOCIEDADE MISSIONÁRIA DE LONDRES

Em 1836, o estimado médico de Kilmarnock procurava um meio pelo qual pudesse ser enviado à China, para continuar a obra em Cantão do grande missionário e pioneiro, Robert Morrison, cujo lugar ficara vago, pela sua morte, em 1834. Seu oferecimento, primeiramente feito à Junta de Missões da Igreja da Escócia, era o de um pioneiro. Ele se oferecia para ir para a China como médico-missionário e evangelista, e não como ministro ordenado do Evangelho. A Junta de Missões da Igreja da Escócia tomou conhecimento mas declinou aceitá-lo, declarando que «não parecia próprio entrar em qualquer campo de trabalho, que não aquele em que a Igreja da Escócia já estivesse envolvida» ([a]).

Dr. Kalley então endereçou seu oferecimento à Sociedade Missionária de Londres e, em reu-

---

([a]) Actas da Assembleia Geral da Igreja Livre da Escócia, Edimburgo, 1845, p. 9.

nião de 20 de Novembro de 1837 ([b]), a Comissão de Exame de Candidatos examinou todas as fórmulas de inscrição para o trabalho missionário ([c]). Uma semana depois Dr. Kalley apresentou-se pessoalmente perante a Comissão de Exame, a qual, tendo procedido ao exame de praxe, o aceitou como missionário assistente e médico para a China, com instruções para que estivesse pronto a embarcar para a China em 1839, e que naquele interim, «procurasse desenvolver os seus conhecimentos em alguns ramos da ciência médica e da Teologia» ([d]). Ele deu então imediatamente providências para dispor de sua casa e de sua clínica em Kilmarnock. Com autorização da Sociedade Missionária de Londres, entrou na Universidade de Glasgow a fim de fazer novos

---

([b]) Actas da Comissão Examinadora, Livro 7, p. 348. Sociedade Missionária de Londres.

([c]) Miss Irene Fletcher, bibliotecária e arquivista da Sociedade Missionária de Londres, informa-nos que os documentos referentes ao pedido de admissão do Dr. Kalley não foram preservados. As declarações e respostas ao questionário prestariam valiosa contribuição para o entendimento do trabalho e vida de nosso biografado. Entre outras coisas que a sociedade desejaria saber, estão as razões que o levaram a desejar ser missionário e a sua posição doutrinária quando fez o seu pedido de admissão.

([d]) *Actas da Comissão Examinadora,* livro 7, p. 352, Sociedade Missionária de Londres, a 27 de Novembro de 1837.

estudos e onde também principiou seus estudos de Teologia ([e]).

Dois meses depois da sua indicação, contràriamente aos regulamentos da Sociedade ([f]), Dr. Kalley fazia planos para se casar com Miss Margareth Crawford de Paisley. Sabendo que o estado de saúde de sua noiva poderia indubitàvelmente desqualificá-lo para a obra missionária na China, informou a Sociedade Missionária de Londres que:

«Como as circunstâncias poderiam possìvelmente mostrar-se contrárias à sua viagem, ele desejava ser informado de todas as despesas lançadas em sua conta, e, como estava em posição de fazer face às suas próprias despesas, não desejava sobrecarregar a Sociedade com ne-

---

([e]) *Id.*, Livro 7, pp. 365-366, Sociedade Missionária de Londres.

([f]) Devemos a Miss Irene M. Fletcher a informação seguinte, que lança luz sobre o motivo que levou o Dr. Kalley a interromper suas relações com a L. M. S., pouco após ter sido aceito como missionário por aquela mesma sociedade. Os candidato ao trabalho missionário da S. M. L. deviam assinar uma declaração pela qual se comprometiam a respeitar os regulamentos da Sociedade. Um destes regulamentos dizia respeito ao casamento, onde se afirmava que o noivo ou a noiva do candidato ao trabalho missionário deveria ser aprovado pela Sociedade. Também a questão de tempo para o casamento estava sujeito à autorização da Sociedade, tanto no caso de o missionário já

nhum gasto durante o tempo de seus estudos preparatórios» ([g]).

A Sociedade não teve outra alternativa senão a de cancelar a indicação do Dr. Kalley, mas, graciosamente admitiu que «se em qualquer tempo ele sentisse ser de seu dever entregar-se à obra missionária em conexão com aquela Sociedade, eles dispensariam o melhor de sua atenção a qualquer pedido que ele julgasse próprio fazer» ([h]).

NOVAS DIRECÇÕES

À sua própria expensa Kalley continuou os seus estudos de Medicina e Teologia, e, juntamente com a sua noiva, começou a fazer os necessários preparativos, não sòmente para a sua

---

estar no seu campo de trabalho, como no caso de não ter ainda embarcado. A dispensa do Dr. Kalley não foi uma surpresa, quando ele anunciou sua intenção de casar-se com Miss Margaret Crawford sem prévia aprovação e até mesmo em violação das regras da Sociedade — regras essas que ele antes havia declarado aceitar.

([g]) Actas da Comissão Examinadora, Livro 7, p. 379, Sociedade Missionária de Londres, a 30 de Janeiro de 1838.

([h]) *Id.*, p. 369. Resolveu-se informar Mr. Kalley, que em vista do propósito manifestado em sua carta de 27 de Janeiro, de consorciar-se, sem mais delongas, com uma senhora cujo estado de saúde não parece ser o mais satisfatório para a vida missionária, os directores resolvem cancelar sua indicação como missionário dessa Sociedade.

longa viagem, como também para um prolongado tempo de residência na China. Mas o plano de sua vida seria completamente diverso daquele que parecia estar à frente, e que tanto o empolgava. Mais ou menos nessa mesma altura, Margareth C. Kalley ficou tão gravemente enferma que toda a esperança de ir para a China teve de ser abandonada, pelo menos temporàriamente. Parecia aconselhável deixar a Escócia, ao aproximar-se o rigoroso inverno, em busca de clima mais ameno. Como jovem cirurgião a bordo de um navio em viagem para Bombaim, tivera oportunidade de visitar a Madeira e ficara encantado com a beleza espectacular da ilha e com o clima salubérrimo daquela «Pérola do Atlântico». Foram as agradáveis recordações da ilha que determinaram a escolha da Madeira para ali passar aquele próximo Inverno e Primavera em busca de saúde.

Seu plano não era estabelecer-se na Madeira, nem tão pouco radicar-se como médico na Escócia; a China era ainda o seu alvo.

Foi-lhe oferecida importante colocação como médico na Inglaterra, colocação esta que estaria à sua disposição após o seu regresso da Madeira, mas ele a recusou afirmando que seu supremo objectivo era servir a Deus no além-mar, e na China, se lhe fosse possível» ([12]).

Os Kalleys embarcaram em Greenock, no navio «Jane» e, duas semanas depois, em 12 de Outubro de 1838, chegaram à Madeira.

Na providência de Deus, eles ali deveriam permanecer por um período de 8 anos; e, embora nos anos subsequentes o Dr. Kalley viajasse extensivamente, na realização de sua vocação missionária, a China foi durante toda a vida, a terra de seus sonhos.

B — APOSTOLADO NA MADEIRA

O BOM DOUTOR INGLÊS

O Dr. Kalley associou-se desde início às Reuniões de Oração, então encetadas pelos Ingleses, que no Inverno faziam da Madeira a sua habitação. E em 1842 foi eleito Presbítero da Igreja da Escócia. Estava-lhe entretanto destinado um grande papel, de muito maior importância; evangelista de grandes dotes e chefe corajoso, foi por isso mesmo chamado para uma tarefa ainda mais elevada.

É digno de nota que o seu trabalho quase sobre-humano, levado a efeito entre um povo extremamente fanático, se fez de maneira inteiramente independente da Igreja da Escócia e da Igreja local ([13]).

Homem de recursos extraordinários, o Dr. Kalley sentiu-se imediatamente impelido a usar os seus esforços e a sua fortuna a favor do povo pobre e analfabeto da ilha. Resolveu estudar a língua portuguesa e requerer licença para praticar a sua profissão em terra portuguesa. Entretanto deslo-

cou-se a Lisboa e matriculou-se na Faculdade de Medicina e Cirurgia. A 17 de Junho de 1839, tendo passado no exame oficial, foi licenciado a exercer Medicina e Cirurgia em Portugal e nas Ilhas Adjacentes. Dirigiu-se então para Londres, onde a 8 de Julho, foi ordenado ministro do Evangelho pela Comissão de Exame da Sociedade Missionária de Londres, cujos membros, neste caso, agiram «em sua capacidade individual» ([14]).

Nenhuma evidência possuímos que indique ter o Dr. Kalley recebido uma educação teológica formal, nem o tempo requerido para o breve curso em disciplinas teológicas se ajusta perfeitamente ao período anterior à sua ordenação. Todavia, enquanto se consagrava a ulteriores estudos de medicina, na Universidade de Glasgow em 1838, fez simultâneamente um curso de estudos a fim de obter maiores conhecimentos teológicos ([15]). Somos tentados a supor que neste terreno ele foi simplesmente um autodidacta, mas seus conhecimentos foram considerados suficientes para dar-lhe a aprovação em Teologia e literatura Bíblica, exame esse que prestou perante uma selecta Comissão de competentes ministros e teólogos da Sociedade Missionária de Londres ([16]). Mais tarde, em 28 de Fevereiro de 1860, nós o encontramos no Rio de Janeiro a discutir com o Imperador D. Pedro II, questões relacionadas com as línguas originais das Escrituras ([17]). Apesar da possível limitação dos seus

conhecimentos teológicos, através da sua vida defendeu-se sempre muito hàbilmente de poderosos e sábios adversários.

Em Outubro de 1839, exactamente um ano após a sua primeira chegada ao Funchal, regressou à Madeira. Estava agora melhor preparado para levar a bom termo o seu trabalho médico, bem como para praticar o ensino e a pregação do Evangelho, ministério esse que segundo lhe parecia deveria desenvolver-se na China. A saúde da esposa não o impediu de exercer o cargo, que lhe fora indicado; simplesmente o mudou de local para continuar a cumprir a sua missão. Estava ainda inclinado para a «chamada» que sentia ter-lhe sido feita para a China, mas também estava preparado para exercer esta «chamada» onde o Senhor quisesse. No relatório que apresentou à Assembleia Livre da Escócia, a 21 de Agosto de 1845, assim se referiu:

«Acho estranho encontrar-me numa pequena ilha no meio do oceano, em vez de avançar para onde supus ser o campo da minha chamada cristã — o mais largo e mais extenso campo de serviço cristão. Contudo, posso dizer: «Usa-me, Pai, como pareça melhor aos Teus olhos».

A comunidade britânica já tinha dois médicos na Madeira, o que deixava ao Dr. Kalley liberdade para cuidar mais particularmente de portugueses pobres. Naquela ilha superlotada de

gente, onde a distinção de classes era bastante acentuada, ficavam os pobres sem cuidados médicos, insuficientes até para os mais ricos.

Mas o Dr. Kalley, que era um escocês prático, prontificou-se a tomar sobre si a missão de servir aos pobres nas suas necessidades de assistência médica. Todavia, a prática de medicina e de cirurgia foi a maneira de chegar ao seu fim principal, a evangelização dos pobres e analfabetos ilhéus, com a mesma dedicação e paixão que o incitaram de início a seguir como missionário para a China.

Em 1840, instalou no Funchal, por sua conta, um hospital de doze camas, que incluía serviços de clínica e farmácia. Oferecia aos pobres tratamento e hospitalização gratuitos, sem lhes apresentar conta dos seus serviços médicos, nem do fornecimento de medicamentos. Muitos ricos igualmente requeriam a assistência médica do Dr. Kalley, mas estes pagavam bem os seus serviços. O seu fim ao cobrar contas elevadas aos ricos, segundo o seu próprio testemunho, era afastá-los, para lhe deixarem o tempo livre para o cuidado dos pobres... E estas verbas eram usadas para suportar os encargos do hospital, bem como muitas outras despesas que fazia com os pobrezinhos ([18]).

A dedicação profissional do Dr. Kalley, bem como a sua generosidade invulgar, eram retribuídas com gratidão, afecto e estima tanto dos po-

bres como dos ricos. Os pobres, movidos pela sua bondade pessoal, referiam-se a ele como «o santo inglês» e através de toda a ilha era conhecido como o «bom doutor inglês».

AS ESCOLAS DOMÉSTICAS

O Dr. Robert Reid Kalley era um homem com a estatura e a dignidade dum chefe, era uma figura sempre notável, onde quer que comparecesse. Tinha o aspecto de um verdadeiro escocês, sem dolo, forte e resoluto. A sua simpatia, delicadeza e bondade tornaram-no um homem de aptidões invulgares e de nobre carácter, possuindo grande abnegação e amor ao próximo ([19]). Inspirava confiança. A sua carreira médica e o interesse constante de servir aos seus semelhantes forneceram-lhe os meios de comunicação imediata e directa de contacto com o povo. Escolas elementares, diurnas para crianças e nocturnas para adultos, foram abertas por esse independente missionário, em vários pontos da ilha, fornecendo ele os professores, mobiliário e livros indispensáveis. Foi um plano sem precedentes, visto que jamais houvera na Madeira qualquer sistema de escolas públicas gratuitas e, por isso mesmo, a maioria da população não sabia ler nem escrever ([20]). O padrão educacional vigente limitava-se às famílias mais abastadas que enviavam o filho mais velho para uma

escola paroquial, enquanto os mais novos, por sua vez, aprendiam o que podiam com o mais favorecido ([21]).

A necessidade desesperadora e o desejo imperioso de educação determinaram a decisão de criar um programa de ensino. Com a generosa ajuda de amigos, fizeram-se os preparativos indispensáveis a um sistema de educação que funcionaria em algumas casas pertencentes àqueles que estavam aptos e desejosos de dar uma educação rudimentar aos outros. As escolas não eram mais que pobres choupanas, cujos alunos provinham das quintas próximas, pequenas escolas gratuitas que cumpriam a grande missão a que se propuseram, graças à dedicação dum pequeno grupo de professores, que nem sequer esperavam grande recompensa ([22]). Assim, um século antes do celebrado Método Laubach, o Dr. Robert Reid Kalley já instituía o movimento pró-alfabetização, conhecido pelo moto—cada um ensino um outro.

A resposta, em termos de apreciação e resultado, foi atestada pelo extraordinário número de matrículas verificado nas escolas e pelo rápido progresso na aprendizagem. Dezassete escolas foram criadas, as quais comportavam mais de oitocentos adultos. O Dr. Kalley atestou:

«Centenas de homens, após os seus trabalhos duros nos campos, iam à escola de noite, e, em quase todos os casos, eram movidos por um desejo de ler não as palavras dos homens, mas

a de Deus ([23])... Eu creio que cerca de duas mil e quinhentas pessoas frequentaram estas escolas, num período mais ou menos longo, entre os anos de 1839 e 1845, e que para cima de um milhar entre as idades de quinze e trinta anos, aprenderam a ler as Escrituras inteligentemente ficando aptos a estudá-las por si mesmos» ([24]).

A Bíblia era o principal livro de texto, e, mais de três mil exemplares das Escrituras, foram distribuídos entre os anos de 1839 e 1845 ([25]). Estes foram os únicos exemplares da Bíblia existentes na Madeira, à excepção de oitenta volumes que consignados por expresso desejo da Rainha de Portugal, D. Maria II, foram enviados para uso do clero a 3 de Janeiro de 1842 ([26]).

O MOVIMENTO ESPIRITUAL

A natureza evangelística do ministério do Dr. Kalley começava a tomar forma silenciosa e muito modestamente, em conversas que o doutor tinha com os seus pacientes, e através do uso da Bíblia nas escolas domésticas. Mas, os pobres, como nos dias de Jesus, ouviam o Evangelho, alegremente e respondiam entusiàsticamente à orientação espiritual do seu doutor, professor e benfeitor. Nas suas «Notas» o Dr. Kalley deixou esta introdução:

«Em 1839 uns poucos mostraram grande desejo de ler e ouvir a Palavra de Deus. Em

1840 este interesse cresceu um pouco e muitos adultos foram para a escola porque queriam aprender a ler a Bíblia. Em 1841 cresceu ainda mais. Em 1842, especialmente no Verão e no Outono, o povo acorreu em grande número para ouvir as Escrituras lidas e explicadas. Muitos deles caminhavam durante dez ou doze horas e escalavam montanhas de mil metros de altitude à ida e à volta para suas casas; durante muitos meses, creio, não havia menos que um milhar de presenças cada Domingo; geralmente excediam os dois milhares; ocasionalmente três milhares e uma vez foram cerca de cinco mil» ([27]).

Qual era a forte atracção que compelia estas multidões para a montanha no dia do Senhor, dos pontos mais difíceis e distantes da ilha? Eles eram atraídos pela exposição simples e clara de passagens bíblicas, e pela oportunidade de participarem no cântico das doutrinas cristãs postas em hinos que o próprio Dr. Kalley escrevia e compilava. Ficavam visìvelmente comovidos pela pregação efectiva das doutrinas evangélicas. Os temas dos sermões eram baseados na infinita graça de Deus; Cristo, o Salvador todo-poderoso; a presença e poder do Espírito Santo, o Confortador e Santificador ([28]). Indubitàvelmente, o povo da ilha era igualmente atraído àquele homem cuja maneira de viver dava autoridade à sua mensagem e testemunhava do poder de uma vida dedicada.

Foi na Ilha da Madeira que o Dr. Kalley compôs os primeiros hinos evangélicos da língua portuguesa, e onde preparou os primeiros panfletos em português. Em 1842 escreveu os hinos «Louvemos todos ao Pai do Céu» e «Meu fiel Pastor». Estes hinos tornaram-se tão populares que podiam ser ouvidos nos campos, cantados pelos trabalhadores em quase todos os recantos da ilha ([29]). Entre os panfletos que foram publicados durante este período podem mencionar-se: «O Sr. Esperança da Glória», «O professor Gomes e o bom farmacêutico Faria», e «A Grande Festa», ou «O melhor alimento para os famintos» ([30]). Antes da sua expulsão da Madeira, o Dr. Kalley tinha também completado a primeira tradução de «O Peregrino», de John Bunyan.

C — OPOSIÇÃO AO CRISTIANISMO

INJÚRIAS E PERSEGUIÇÕES

Era óbvio que um movimento de tal magnitude e aceitabilidade chamasse a atenção das autoridades portuguesas e causasse alarme na chancelaria do Bispo da Madeira. Inicialmente a cidade do Funchal distinguira pùblicamente o Dr. Kalley pelos seus «esforços filantrópicos» a favor dos pobres, doentes e analfabetos. A 25 de Maio de 1841, na publicação «Actas da Câmara do Governo Municipal», apareceu uma menção de gratidão ao «bom doutor inglês» ([31]). Simul-

tâneamente contudo, começavam a ouvir-se murmúrios de protesto. No mesmo mês o Bispo da Madeira, que era cliente e amigo do Dr. Kalley, comunicou-lhe ter recebido uma carta de Lisboa recomendando-lhe que estimulasse as autoridades governamentais a enfraquecer as actividades médicas e educacionais que prejudicassem a «ordem normal». O Bispo tinha o doutor em grande estima e por isso apelou para que ele renunciasse ao seu apostolado. Isto era impossível para quem estava sob as ordens divinas.

O ano seguinte de 1842 foi marcadamente frutífero. As escolas domésticas multiplicaram-se em virtude do rápido aumento de matrículas. A assistência às escolas nocturnas, onde a Bíblia era lida e explicada, abriram durante os meses de Verão e de Outono. Não era difícil reunirem-se duas mil pessoas numa colina ou numa herdade para ouvirem pregar o Evangelho. O ensino do Novo Testamento e a sua aplicação à vida tornou-se o tema de conversações nos lares ou nos campos, nos caminhos e nos mercados. Era impossível conservar em armazém os exemplares da Bíblia ou do Novo Testamento; eles eram comprados pelo povo tão ràpidamente quanto as reduzidas remessas chegavam de Londres, enviadas pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. O que mais imediatamente atraía e encantava aqueles novos seguidores era o cântico de hinos evangélicos. Por todos os recantos da ilha se podia encontrar gente que

conhecia os «hinos calvinistas», nome dado à versão métrica dos salmos traduzidos.

O grande interesse e o fervor evangélico dos ilhéus colocou na defensiva o clero católico romano. Sob as ordens do cónego Carlos Teles de Meneses, muitas tentativas foram feitas, sem sucesso algum, para incitar a oposição fanática contra aquela onda de testemunho evangélico. Começou no último de Janeiro de 1843 a latente hostilidade do clero católico romano e tomou expressão trágica num movimento anti-herético, que em breve assumiu proporções alarmantes. Instigações contra os hereges calvinistas, nome dado aos cristãos reformados, eram lançadas dos púlpitos. Dichotes ridículos eram ensinados às crianças ([32]). Ouviam-se discussões azedas nas lojas ou nas esquinas e artigos e panfletos de polémica inflamada eram distribuídos abundantemente. Estes foram refutados calma, lógica e escriturìsticamente, num panfleto intitulado «Uma exposição dos factos» ([33]).

Em Setembro de 1843 os serviços médicos do Dr. Kalley foram proibidos por interpretação da lei que estabelece que «só um farmacêutico pode exercer farmacologia». O doutor requereu permissão de submeter-se ao exame oficial de Farmacologia e foi informado que poderia fazê-lo, «mas se o Sr. exercer farmacologia, não poderá exercer medicina. Ninguém pode ser as duas coisas ao mesmo tempo» ([34]). Esta decisão, que negava medicamentos grátis aos pobres, afectou

sèriamente a utilidade do Dr. Kalley no tratamento médico daqueles que ele mais desejava ajudar. «Não há utilidade em tê-los como meus clientes», disse ele, «desde que não lhes sejam fornecidos remédios» ([35]).

PERTURBAÇÕES DO PROGRAMA ESCOLAR

O mesmo município que em 1841 tinha agraciado pùblicamente o Dr. Kalley como benfeitor, por ele ter estabelecido uma cadeia de escolas na ilha, agora, dois anos volvidos, impõe o encerramento das escolas ([36]). Foram colocados guardas nas escolas domésticas para manterem a ordem e a polícia estacionava à porta do Dr. Kalley para observar as suas actividades. Depois de cerrada vigilância enfraqueceu a pressão e as classes ficaram reduzidas às escolas mais distantes da capital, Funchal. O esforço foi ràpidamente abandonado quando a 11 de Janeiro de 1843, um professor, sua esposa e um filho foram presos, acusados de desobediência civil por ensinarem sem o respectivo diploma ([37]). No mesmo dia outra crente acusada de «ler e explicar a Palavra de Deus», foi condenada a quatro meses de prisão ([38]).

Os serviços médicos que o Dr. Kalley tornara acessíveis aos pobres estavam limitados por decreto, e o programa de ensino que ele estabelecera era proibido por lei. A sua pregação e ministério evangélico também caíram por terra sob

restrição legal. Em palavras do Dr. Kalley, dirigidas à Assembleia Geral da Igreja Livre da Escócia, reunida em Inverness durante o mês de Agosto de 1845, lemos:

«Próximo ao tempo em que esta lei, afectando o exercício do meu trabalho médico, foi passada, uma decisão foi tomada pelo tribunal de Lisboa, declarando criminoso, a cidadãos ingleses, ensinar em reuniões de portugueses, doutrinas contrárias à religião do Estado. Depois de receber uma cópia desta decisão, não me senti em liberdade para continuar a manter as reuniões religiosas com portugueses e as suspendi imediatamente» ([39]).

PRISÃO DO DR. KALLEY

Atingiu-se o clímax dessa situação quando as autoridades portuguesas, tanto do Estado como da Igreja, uniram forças contra o Dr. Kalley. Por mais de uma ocasião aconteceu, perseguindo-o mesmo contra a lei, interromperem reuniões em sua própria casa. Finalmente, invocando uma lei inquisitorial datada de 1603, contra a heresia, as autoridades civis ordenaram a prisão do Dr. Kalley e levaram-no para a prisão do Funchal, onde havia de permanecer durante seis meses.

Os residentes ingleses da Madeira, a Igreja Livre da Escócia, a Sociedade Missionária de Londres, outros indivíduos e instituições foram

activos em procurar meios para a libertação do Dr. Kalley. Um panfleto em sua defesa foi publicado em Londres, por «um inglês residente na Madeira» ([40]). A Igreja da Escócia, em certa circular, chamou a «atenção das várias denominações religiosas» e do público cristão em geral, para os sofrimentos do nosso amado irmão Dr. Kalley, agora preso pelo Evangelho, na Ilha da Madeira ([41]).

Nessa prisão, há cento e dezanove anos teve lugar um encontro da Comissão Administrativa da Igreja da Escócia, então recentemente organizada. Tudo o que foi preservado desta reunião se encontra aqui expresso:

«Acta do encontro dos Administradores da Igreja da Escócia, reunidos na cela do Dr. Kalley na cadeia da cidade, a fim de que o Rev. Sr. Wood seja nomeado ministro da Igreja da Escócia neste lugar.

Funchal, 15 de Dezembro de 1843.

Presentes: Sr. Fullarton, pres., Sr. Grant, Dr. Kalley, Sr. Innes, e o Rev. J. J. Julius Wood».

Esta singela nota de agenda de trabalho, do encontro realizado numa fria cela da prisão, em que tomaram parte cinco homens, não foi insignificante. Os obreiros da Igreja da Escócia encontraram-se para receber e examinar uma carta

do secretário para os planos coloniais da Igreja Livre da Escócia, anunciando a colocação do Rev. Julius Wood no pastorado da Igreja Escocesa no Funchal, Madeira. Em que estranhas circunstâncias e em que horrendo ambiente para um ministro, foi feita esta nomeação pastoral!

As actas não fazem referência a qualquer outro documento recebido pelos administradores nesse dia, o qual está ainda para ser encontrado nos arquivos do Consulado Britânico no Funchal. Havia o documento oficial passado por Lord Aberdeen, Secretário do Estado da Grã-Bretanha para Assuntos Estrangeiros, acedendo ao pedido da Congregação em que «o Cônsul de Sua Majestade estava autorizado a permitir ao ministro Presbiteriano, o registo de nascimento, casamento e óbitos no Consulado Britânico».

Apesar disso, esta autoridade foi anulada dentro de três meses. O Governo de Sua Majestade tinha a impressão, quando autorizou os registos, que o ministro pertencia à Igreja oficial da Escócia ([42]). Assim, quinze meses volvidos, o Rev. J. Julius Wood terminou o seu ministério na Madeira para tomar um cargo pastoral inferior na Escócia. A nomeação do novo ministro e a autorização de registos de nascimento, casamento e óbito, no Consulado Britânico, como é óbvio, não foram elementos de primordial importância no drama daquele dia de Inverno, em que homens de responsabilidade se reuniram constituindo um conselho eclesiástico, numa cadeia

da cidade. O facto de suma importância foi a prisão do Dr. Kalley, e seu julgamento por causa do seu zelo na proclamação do Evangelho aos Madeirenses. Desde que ele fora acusado de cumplicidade em heresia e apostasia tinha de suportar a prisão, sem direito de fiança ([43]).

Durante os seis meses que o Dr. Kalley ocupou a cela na cadeia da cidade, desde Julho de 1843, foi-lhe concedida a permissão de ter até três visitantes ao mesmo tempo, mas com a proibição de cantar hinos com eles ou de lhes ler a Bíblia. Podia ver-se diàriamente uma procissão de camponeses, vindos de pontos distantes da ilha, assim como muito povo do Funchal, aguardando a sua vez à porta da prisão para visitarem «o santo inglês». Estes eram frequentemente escarnecidos e injuriados pela gentalha, mas não se intimidavam nem reagiam hostilmente contra os seus perseguidores. A catedral ficava perto da prisão e, frequentemente, fiéis católicos romanos no seu caminho para a missa, mostravam o seu fervor religioso cuspindo sobre os «hereges calvinistas» ([44]). A proclamação oral do Evangelho silenciou temporàriamente, e o clero proibiu a posse ou o uso da Palavra impressa, a Bíblia. No Outono daquele mesmo ano, o bispo-eleito, D. Januário Vicente Camacho, emitiu uma carta pastoral que foi lida em todos os púlpitos. Esta pastoral estabelecia que a Bíblia em circulação na ilha, embora apresentando-se como uma versão da Bíblia traduzida pelo Padre António Pereira de Figuei-

redo ([45]), estava «sèriamente adulterada». D. Januário condenava completamente a leitura da Bíblia e excomungava, «ipso facto», todo aquele que continuasse a possuir ou a ler a Bíblia ([46]).

Enquanto esteve na prisão, o Dr. Kalley fez uma cuidadosa colecção das edições de Lisboa e Londres da Bíblia traduzida pelo Padre Figueiredo, e encontrou apenas cinco versos que continham leves variantes e dois erros tipográficos. O seu propósito de publicar o resultado das suas pesquisas num panfleto, tornou-se desnecessário, quando um jornal da Ilha Terceira, Açores, aceitou a discussão do assunto ([47]). Continha o folheto uma transcrição do Mandato Real, datado de 17 de Outubro de 1842 ([48]), acerca da verdadeira edição da Bíblia, que o vice-cônsul britânico em Ponta Delgada, Sr. Thomas Carew-Hunt, tinha recebido da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira de Londres para distribuição na Ilha Terceira. Estabelecia ainda que Sua Majestade a Rainha, com a aprovação do Patriarca Arcebispo eleito, Frei Francisco de S. Luís, aprovava a edição londrina da tradução da Bíblia por Figueiredo e recomendava que ela devia circular na Terceira pelo benefício moral e espiritual dos seus súbditos.

Mas a determinação de destruir o movimento nascente do evangelismo era implacável. Os dois primeiros convertidos que tiveram assento à Mesa do Senhor, na comunhão da Igreja Presbiteriana da Escócia, no Funchal, Srs. Nicolau Tolentino

Vieira e Francisco Pires Soares, foram excomungados pùblicamente [49]. Sofreram tantas afrontas e maus tratos que, para salvarem a vida, fugiram para uma gruta na montanha onde permaneceram ocultos mais de um ano [50]. Tudo isto aconteceu durante os meses em que o Dr. Kalley aguardava o julgamento. Mais vinte e seis hereges foram igualmente encarcerados [51], incluindo José Ferreira Lomelino, abastado proprietário que foi deportado para a África Ocidental Portuguesa por crime de heresia [52]. Uma pobre mulher, D. Maria Joaquina Alves, mãe de sete filhos, foi igualmente presa sob acusação de apóstata, herege e blasfema [53].

Posto em liberdade, após seis meses de prisão sem julgamento, o Dr. Kalley retomou o seu arrojado trabalho, concentrando todos os seus esforços na paróquia de Santo António da Serra, na montanha, a 24 quilómetros do Funchal, aproximadamente. Este havia de tornar-se num dos principais centros do movimento protestante da ilha.

Das suas memórias podemos concluir que o seu zelo e a sua coragem não foram diminuídos pelos meses de prisão, nem pelos acontecimentos que tinham ocorrido durante aquele período de afastamento do seu rebanho.

«Fui solto da cadeia em Janeiro de 1844 e retomei o caminho interrompido, porque o único juiz competente que se pronunciou a este respeito declarou não haver qualquer violação da

lei nem da Constituição Portuguesa. A polícia continua vigilante, como dantes, mas, apesar de tudo a assistência média, durante o verão, em Santo António da Serra, era de cerca de seiscentos aos domingos e trinta nas outras noites» ([54]).

D — UM COMPANHEIRO DE TRABALHO: O REV. WILLIAM HEPBURN HEWITSON

A SUA NOMEAÇÃO E A SUA CHEGADA À MADEIRA

A Comissão Colonial da Igreja Livre da Escócia nomeou o Rev. William Hepburn Hewitson para tomar a responsabilidade do trabalho entre os portugueses da Madeira, organizar a Igreja entre eles, com presbíteros e diáconos, e desenvolver ainda o programa de educação elementar, iniciado pelo Rev. Dr. Robert Reid Kalley. Foi primeiramente enviado a Lisboa para estudar a língua, e três meses depois, em Fevereiro de 1845, Mr. Hewitson chegou à Madeira. A nomeação foi feita sem o conhecimento do Dr. Kalley, cujo trabalho missionário não era dirigido nem sustentado pela sua Igreja na Escócia. Contudo, o Dr. Kalley não se ressentiu com o que qualquer homem de menor envergadura teria tomado, justamente, como uma usurpação despótica. O seu espírito nobre revela-se-nos em suas «Memórias», onde faz estas referências, à chegada de Mr. Hewitson à Madeira: «A sua presença foi verdadeiramente providencial» ([55]). A hostilidade le-

vada a cabo pela Igreja e pelo Estado chegou ao ponto de colocar o Dr. Kalley em face da alternativa de acabar com as suas reuniões religiosas ou de ser expulso da ilha. O Secretário Britânico para o Estrangeiro, Lord Aberdeen, preveniu o Dr. Kalley de que ele não seria defendido pelo seu governo contra quaisquer medidas que as autoridades portuguesas adoptassem para expulsá-lo da ilha, caso ele continuasse a receber madeirenses em sua casa para fins religiosos ([56]). Receando que as suas actividades pusessem em perigo a obra evangélica, e sentindo que a sua presença era necessária e vantajosa para centenas de pessoas já identificadas com o movimento evangélico, o Dr. Kalley colocou lealmente nas mãos do Rev. Hewitson a direcção do trabalho que havia começado com tanto sucesso e tanto sacrifício. «Se não houvesse ninguém para continuar o meu trabalho», escreveu ele, «sentir-me-ia muito triste; mas graças a Deus que temos aqui mão ainda melhor do que a minha, para polir as pedras» ([57]).

INVÁLIDO, SANTO E ERUDITO

William Hepburn Hewitson nasceu em Ayr, a 16 de Setembro de 1812, exibindo desde bastante jovem uma mente brilhante num corpo frágil. Foi distinguido como estudante excepcional dos clássicos, antes de entrar para a Universidade de Edimburgo, onde conquistou os mais altos valores

em Letras Clássicas e Lógica. A sua aplicação excessiva ao estudo, muitas vezes por vinte horas diárias ([58]), e o seu indomável desejo de exceder todos, sem sombra de dúvida, minaram, ainda mais, as suas já tão pobres forças físicas, e devem ter contribuído imenso para a doença, a tuberculose, que tão cedo lhe ceifou a vida.

No Colégio Teológico da mesma Universidade de Edimburgo, conquistou de novo prémios e bolsas de estudo a par de invulgares qualidades de carácter e piedade cristã. O maço de correspondência, escrita durante os seus tempos de estudante, revela o carácter sério e o espírito evangélico de Mr. Hewitson. Numa carta para um amigo em Edimburgo, datada de 15 de Junho de 1840, pode descortinar-se o interesse quase místico de Mr. Hewitson pela vida espiritual:

«O cristão evangélico o é de coração, no espírito, e não na letra — cuja glória não vem do homem, mas de Deus... Se Cristo habita em nós, as evidências da Sua graciosa presença não são confusas nem ilegíveis. A fé que vivifica, ilumina igualmente, porque a fé é precisamente a graça dum Salvador que reside em nós; assim o Salvador é a vida, e «a vida é a luz do homem» ([59]).

Concluiu a sua graduação na Faculdade de Teologia, em Março de 1841, e foi considerado como um dos estudantes mais brilhantes e mais

perfeitos do seu colégio [60]. O seu estado de saúde, todavia, continuava a piorar de forma alarmante. A 23 de Outubro de 1841, escreveu estas palavras de angústia numa carta a um amigo:

«Estou ainda fraco; cada dia que passa mais me convenço de que o meu estado quase quebrantado, necessita de uma época de repouso maior do que previa. Para reunir forças para o trabalho do ministério devo tomar como preocupação principal, desde já, aprender a morrer diàriamente... Estou resolvido a abster-me inteiramente de todo o estudo que não seja realmente necessário. O doutor disse-me que no meu estado actual qualquer outra doença pode fàcilmente tomar posse de mim, se eu não tiver cuidado, e pode ser-me fatal ... eis que nós reputamos por felizes aqueles que sofrem» [61].

A «outra doença» apareceu e, a 8 de Novembro, foi proibido pelos seus médicos de estudar durante um ano. A 4 de Maio do ano seguinte, Mr. Hewitson foi licenciado pelo Presbitério de Ayr e seguiu para Bona, na Alemanha, com a esperança de mais rápida convalescença. Instalou-se em casa de um distinto filósofo, o professor Brandis. De lá escreveu numerosas cartas aos amigos da Escócia, nas quais apresenta o seu ponto de vista quanto à situação religiosa na Alemanha, lamentando especialmente a falta de observância do Dia do Senhor e a natureza

insípida e seca do culto, nas igrejas protestantes de Bona ([62]). Volvidos cerca de seis meses, a 20 de Setembro, considerou-se suficientemente curado para regressar à Escócia. O exame médico, após a sua chegada a Edimburgo, foi satisfatório, mas os médicos avisaram Mr. Hewitson que tivesse o maior cuidado e continuasse em repouso durante mais seis meses. A comissão de relações missionárias e estrangeiras da Igreja Livre da Escócia, num esforço para ajudar o Rev. William H. Hewitson a resolver o problema de sua saúde e num crescente desejo de iniciar o seu ministério, decidiu considerar aconselhável indicá-lo para um dos lugares ao Sul: França, Malta ou Madeira. A 17 de Outubro de 1844, decidiram que fosse na Madeira por causa do clima favorável e porque um período para o estudo da língua permitiria tempo adicional para repouso e reclamaria uma actividade menos pesada. Consequentemente, a 7 de Novembro foi ordenado pelo Presbitério de Edimburgo da Igreja Livre da Escócia e nomeado para o serviço missionário na Madeira. Os seus amigos, ao despedirem-se do inválido e exausto ministro, temeram, sem dúvida, que esta viagem para Portugal não fosse senão o primeiro passo na sua descida para a sepultura.

À sua chegada a Lisboa, a 7 de Dezembro de 1844, Mr. Hewitson escreveu aos amigos da Escócia, comentando a agradável viagem e infor-

mando sobre a sua saúde, razoàvelmente boa ([63]). Ele tinha vindo para a Madeira, passando por Lisboa, para tomar parte na responsabilidade que a Igreja Livre da Escócia tinha assumido nessa ilha estrangeira, e para escrever um capítulo no desenrolar do drama de testemunho, perseguição e exílio dos «hereges calvinistas» da Madeira.

O MINISTÉRIO DO REV. W. H. HEWITSON ENTRE OS PORTUGUESES

No princípio, Mr. Hewitson residiu na casa pastoral com o Rev. J. Julius Wood, que estava servindo como pastor da Igreja Escocesa. Um quarto da mesma residência era reservado para reuniões com pessoas interessadas e crentes portugueses, recentemente convertidos. O programa de evangelismo tinha de ser levado a cabo tão discretamente quanto possível e com considerável cuidado. Os portugueses eram admitidos na granja em grupos de dois e três na tentativa de escapar à vigilância das autoridades. O Sacramento da Ceia do Senhor, foi celebrado pela primeira vez em língua portuguesa de acordo com a liturgia Presbiteriana, naquela granja na noite de 25 de Março de 1845. Foi celebrante o Rev. Hewitson que a ministrou a 34 portugueses convertidos. «Mais deviam ter sido admitidos mas não havia lugar para eles. Foi uma ocasião muito abençoada. Observou-se o maior sigilo» ([64]).

Duas semanas antes, em casa de Miss Denniston, foram baptizadas duas crianças, o primeiro baptismo infantil entre os portugueses convertidos. Os pais, sob a coberta escura da noite precedente, caminharam durante quatro horas desde Santo António da Serra, para apresentarem os seus filhos ao Sacramento do Baptismo ([65]). Apesar do perigo da cadeia, a junta da Igreja reorganizada recebeu muitos pedidos de baptismo e muitas inscrições de candidatos à admissão à mesa do Senhor. Trinta novos comungantes, após um curso intensivo de instrução, foram admitidos na celebração seguinte da Ceia do Senhor, a 20 de Abril, tendo participado no sacramento um total de 61 crentes ([66]). O Rev. J. Julius Wood, escrevendo que aquelas reuniões recordavam as experiências da Igreja Primitiva, diz: «Muitos ficaram profundamente emocionados; Mr. Hewitson falou acerca do Filho Pródigo. Foi a primeira vez que eu o ouvi pregar em português, e fiquei deveras impressionado com a sua fluência, o seu domínio da língua e a perfeição da sua pronúncia» ([67]).

A comunidade crescente de crentes evangélicos foi organizada como igreja a 8 de Maio de 1845 e foram eleitos e ordenados para constituir o Consistório da primeira Igreja Presbiteriana Portuguesa, os seguintes Presbíteros: Arsénio N. da Silva, João de Freitas, João Carreira, Martinho José de Sousa, João de Gouveia e Manuel Joa-

quim de Andrade. Foram também eleitos e ordenados os seguintes diáconos: António de Matos, António Carreira, José Marques, Joaquim Vieira e Manuel Pires ([68]).

Mais tarde, nesse mês, o Rev. J. Julius Wood regressou à Escócia e Mr. Hewitson trocou então a granja por uma casa mais afastada. A despeito da sua doença crónica, trabalhou incessantemente, viajando através da ilha para servir a pequenos grupos de crentes, sempre sob a ameaça de prisão. Assim informou a Comissão Colonial da Escócia:

«Fui visitado por um notário público, que me apresentou intimação da Administração da Polícia, admoestando-me para que ponha termo às reuniões religiosas em minha casa com súbditos portugueses, sob pena de ser processado e de ser entregue ao poder judicial» ([69]).

As ameaças e perseguições não surtiram o efeito de impedir o crescimento da Causa Evangélica ou de suspender o aumento do número de convertidos. Aquele movimento, iniciado pelo Dr. Robert Reid Kalley e continuado pelo Rev. W. H. Hewitson, assumiu tão dramáticas proporções que o Dr. Andrew Bonar o descreveu, na reunião da Assembleia Geral da Igreja Livre da Escócia, que teve lugar em Edimburgo em Maio de 1846, como «o maior acontecimento das missões modernas» ([70]).

E — PERSEGUIÇÃO E ILEGALIDADE

VIOLÊNCIA CONTRA OS «HEREGES CALVINISTAS»

Finalmente, a 5 de Maio de 1845, D. Maria Joaquina Alves foi posta em liberdade, depois de cumprir dois anos e meio de prisão. Após dezasseis meses de separação da família, inclusive de uma filha pequenina, foi levada a julgamento no dia 2 de Maio de 1844. Era acusada de apostasia, de heresia e blasfémia mas deu-se ênfase apenas à última. Em resposta à pergunta que lhe fez o juiz:

«Acredita que na hóstia consagrada está o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue, a alma humana e a Divindade de Jesus Cristo?» ([71]), ela respondeu calma e firmemente: «Não creio». O julgamento terminou com essa resposta, pela qual foi condenada à morte ([72]). Mas a pena foi comutada pelo Tribunal de Relação de Lisboa, a 5 de Fevereiro de 1845, em virtude dum erro técnico do julgamento. Tendo sido julgada sòmente por blasfémia, descobriu-se que ela não podia ser condenada por heresia e apostasia ([73]).

No dia seguinte à sua libertação, D. Maria Joaquina esteve presente no culto e pediu que a aceitassem como membro da igreja. Sem dúvida, poucos podiam apresentar melhores e mais aceitáveis credenciais de fidelidade e firmeza, em tão perigosas condições. Ela tornou-se um sím-

bolo para os crentes evangélicos e provou a sua prontidão para sofrer e arriscar tudo em defesa da sua consciência e de sua lealdade a Cristo.

No Outono de 1845 houve uma aceleração notável, em tempo e grau, da agressiva actividade e oposição contra os «hereges calvinistas», nome pelo qual os cristãos evangélicos eram conhecidos entre os seus compatriotas intolerantes. O seu testemunho trouxe-lhes sofrimentos em casa e arredores e sérias dificuldades nos empregos e diante das autoridades civis. Numa carta ao convocador da Comissão Colonial da Igreja Livre da Escócia, datada de 17 de Dezembro de 1845, o Rev. William H. Hewitson apresentou a situação, nas seguintes palavras:

«O povo da Serra está ainda preso e é impossível predizer quando será julgado. ... O número actual de crentes, presos por lerem a Palavra de Deus e por outras ofensas contra o homem do pecado, é de vinte e oito. Seis deles foram capturados há poucas semanas. O seu crime foi terem-se reunido num domingo à noite para se edificarem uns aos outros pela oração e leitura da Palavra. Três outras pessoas foram presas no mesmo tempo, mas obtiveram logo a liberdade, por comprovada ilegalidade da sua prisão. ... Uma família de três pessoas foi avisada de que uma sentença de deportação por 7 anos para a África, acrescida de pesada multa, estava já

pronta, contra eles e pendia sobre as suas cabeças pelo facto de não se confessarem e por delitos semelhantes. Antes que eles fossem formalmente condenados, escaparam à pena, fugindo da ilha para Demerara. Aqueles que abraçaram a verdade têm, com raras excepções, permanecido firmes aos assaltos da perseguição. Tenho a certeza de que há alguns aqui que lêem a Bíblia em segredo, e só esperam a salvação em Cristo, sem terem confiança bastante no Senhor para O confessarem abertamente. Elias foi a única testemunha pública de Deus em Israel, ainda que Deus tivesse em Israel sete mil que prestavam culto às escondidas. É bom louvar ao verdadeiro Deus, mesmo em oculto; mas é melhor ser uma testemunha visível, um Elias» ([74]).

Mr. Hewitson, sob vigilância e ameaça de expulsão, deixou a Madeira no princípio de Maio de 1846, com o propósito de voltar ao seu «amado rebanho» após alguns meses em Inglaterra. Mas não lhe foi permitido o regresso à Madeira. A grande torrente de hostilidade lançada contra os «hereges calvinistas» estava prestes a rebentar em tremenda fúria. O assassínio foi sugerido na imprensa como resposta ao movimento herético ([75]). Recomendava-se o uso do chicote como o argumento que os camponeses podiam sentir e compreender; e propunha-se a repetição do dia de S. Bartolomeu ou da Véspera Siciliana ([76]). Durante os meses de Junho e Julho,

com alguns intervalos, a multidão era incitada a cometer atrocidades e os protestantes, sem oferecerem resistência, eram cruelmente espancados e apedrejados e cinco casas foram queimadas. Houve famílias a quem foi recusado o direito de um palmo de terra para enterrar os seus mortos, à excepção dos caminhos públicos ([77]). Com entusiasmo sempre crescente eram apontadas as forcas e os pelourinhos como a única cura para a heresia.

Na noite de domingo, 2 de Agosto, um bando de rufiões, chefiados pelo cónego Teles, vestido com as suas vestes litúrgicas, atacaram a casa de Miss Rutherford, súbdita britânica, onde aproximadamente quarenta portugueses, na maioria senhoras, se encontravam reunidos em oração. Durante horas a casa foi sitiada, por um número sempre crescente de homens e mulheres rudes, em gritaria infernal. À meia-noite, quando o cónego se foi embora, foram arrombadas as portas e as janelas e a casa foi invadida por homens com archotes. Soldados e polícia chegaram a tempo de evitar sérias ofensas corporais e prejuízos de maior monta, e os crentes que se tinham mantido em oração, numa das divisões do último andar, foram conduzidos a salvo para suas casas. Não foram poupados a insultos e ao baixo calão das multidões, nem ao muito repetido insulto que lhes era dirigido: «Não há leis para calvinistas» ([78]).

ATITUDES DA COMUNIDADE BRITÂNICA E DO CÔNSUL BRITÂNICO

No dia 3 de Agosto, a pedido de Miss Rutherford, o capitão J. Roddam Tate, R. N. que tinha assistido à parte dos acontecimentos da noite anterior, comunicou o caso ao cônsul inglês. O representante de Sua Majestade manifestou extrema frieza e alegou que o caso pertencia às autoridades civis e, por isso, ele não podia intervir ([79]). João Fernandes da Gama, que tinha acompanhado os Drs. Miller e MacKeller na visita ao cônsul e ao chefe da polícia do Funchal, em busca de protecção para as vidas e propriedades dos residentes ingléses, descreveu mais tarde o cônsul inglês como um homem sem religião ([80]). Certamente, ele não simpatizava com o Dr. Kalley e os residentes ingleses que tinham ajudado e encorajado os portugueses a deixarem a religião do Estado.

Desde a chegada do Rev. William H. Hewitson à Madeira, o Dr. Kalley continuou a ajudar, calma e discretamente, os evangélicos portugueses e a encorajar todos os esforços missionários dos seus colegas e compatriotas. O interesse do médico e o seu cuidado profissional tornaram possível a Mr. Hewitson manter razoável saúde, apesar do extenuante trabalho missionário.

Com a ida de Mr. Hewitson para a Grã-Bretanha, o Dr. Kalley tornou-se de novo o alvo principal do cónego Teles da Meneses. O doutor estava marcado para «a aniquilação», que devia

ter lugar antes do fim da semana [81]. A fraca saúde de sua esposa e as ameaças exaltadas de todos aqueles que passavam à sua porta, obrigaram o Dr. Kalley a pedir protecção ao chefe da Polícia, José de Freitas de Almeida. Um empregado que se dirigia à esquadra da Polícia, com a mensagem, foi apanhado por um grupo de homens que o espancaram brutalmente e destruíram a carta. O Dr. Kalley, então, apelou para o Governador Civil, Valentim de Freitas Leal. No dia 4, à tarde, recebeu uma resposta insultante à sua carta da véspera. O governador acusava-o de ter sido causador de distúrbios graves, «que eram o fruto da árvore que plantou na ilha, a qual nunca produziu senão discórdia e confusão» [82].

Nessa mesma tarde, o cônsul inglês, assegurou a Miss Rutherford, por carta, que ela estaria protegida de futuros aborrecimentos, visto o caso já ter sido apresentado ao Governador Civil. Mas a sua quinta continuava sitiada dia e noite, importunando-a uma arruaça constante. Toda a gente afirmava agora que o Dr. Kalley não podia escapar-lhes desta vez, «a menos que ele fosse o diabo em pessoa» [83].

«O DIA DE S. BARTOLOMEU» NA MADEIRA

No domingo, 9 de Agosto, pelo meio-dia, terminava a missa a Nossa Senhora do Monte, celebrada na Catedral. Um foguete subiu esta-

lando no ar, sinal que marcava o «Dia de S. Bartolomeu Madeirense», ainda que exageradamente assim chamado. A violência que rebentou em toda a ilha, foi terrível e devastadora. A brutalidade e os archotes foram mobilizados numa cruzada para exterminar a heresia.

A ameaça crescente do antiprotestantismo, durante a semana precedente, só podia ter resultado em desenfreadas violências. Desde o dia 2 de Agosto que ameaças e injúrias atrozes eram dirigidas contra os «calvinistas». Afinal, uma série de ataques foram feitos, começando pelas casas e campos cultivados dos protestantes portugueses. «Todas as noites», escreve o capitão J. Roddam Tate, um oficial aposentado da Armada britânica, residente na Madeira, «nós sabíamos de algum novo caso de violência e crueldade, até que por fim eles se sentiram na necessidade de buscar salvação na fuga» ([84]).

Em Santo António da Serra e Lombo das Faias, as autoridades invadiram as casas dos crentes, altas horas da noite. Soldados aquartelaram-se nas casas donde haviam expulsado os seus locatários hereges, muitos deles mesmo em roupas de dormir. Os soldados e os seus cúmplices saqueavam as casas, matando porcos, cabras e galinhas, banqueteando-se com as provisões dos camponeses que fugiam para lugares escondidos nas montanhas ([85]). Mulheres e raparigas sofreram indignidades e os homens foram severamente espancados. Vinte e dois homens e rapa-

rigas, tidos como dirigentes do movimento, foram apanhados e metidos numa velha masmorra onde as condições eram simplesmente chocantes.. À semelhança de Paulo e Silas na prisão de Filipos, eles «cantavam hinos a Deus» (86):

Cá sofremos aflição
Cá, desgostos perto estão,
Mas lá no céu há paz (67).

Oito e nove de Agosto. Foram dias de grave perigo e sofrimento para todos aqueles, que de qualquer forma, estivessem associados ao movimento evangélico. Centenas buscaram abrigo ou esconderijo entre os matagais, nas vertentes das montanhas, onde vagabundearam dias e dias, perseguidos pelos seus inexoráveis inimigos. As autoridades civis perderam o controle sobre as quadrilhas de despojadores, muitos deles convencidos de que estavam cooperando numa cruzada santa contra os hereges. Os protestos dos residentes ingleses e de muitos bons portugueses que estavam horrorizados com o bárbaro espectáculo de fanatismo e terror, não foram atendidos.

F — A PROVA DE FOGO

A FUGA DO DR. KALLEY

Na manhã de domingo, 9 de Agosto, a senhora Kalley foi conduzida, sob disfarce, a casa do cônsul inglês, que, veio depois a saber-se, na

manhã daquele mesmo dia, saiu para a sua casa de campo ([88]). Durante a semana anterior o Dr. Kalley fora aconselhado pelos seus amigos e pelo cônsul inglês a deixar a ilha, antes que a sua vida corresse perigo maior. Era já quase tarde demais quando ele atendeu aos persistentes conselhos de seus amigos. Disfarçou-se de mulher doente, e foi transportado numa rede, que era a maneira habitual de então transportar os inválidos, para a quinta dos Pinheiros e, ali, antes que nascesse o Sol, no dia 9 de Agosto, foi posto a bordo do navio britânico «Forth», o qual, providencialmente, tinha aportado na baía do Funchal. Nesse mesmo dia, do convés do navio «Forth» pôde ver uma espessa coluna de fumo e chamas envolvendo a sua casa no distrito de Santa Luzia. Casa, mobília, material cirúrgico e provisões, valiosa biblioteca e insubstituíveis manuscritos foram destruídos naquele holocausto ([89]). Pôde ainda observar outra nuvem de fumo que se levantava de todas as Bíblias e publicações evangélicas que foram impiedosamente destruídas pelo fogo, na Praça da República. O hospital foi saqueado e grandemente danificado; muitas das escolas domésticas foram também incendiadas ([90]).

Naquela tarde o «Forth» seguiu o seu destino para Trindade nas Índias Ocidentais Inglesas, como estava previsto. Ali o Dr. Kalley e sua esposa mais tarde se reencontraram e juntos seguiram para a Inglaterra.

A SITUAÇÃO DOS CONVERTIDOS

Acabada a obra de destruição no Funchal, os perseguidores, ainda insatisfeitos, perseguiram o rebanho disperso pelas montanhas, buscando-o por toda a parte «como animais ferozes e esfaimados» ([91]). Alguns dos crentes eram pastores e estavam habituados a guardar os seus rebanhos de carneiros e cabras nas montanhas. Por isso as conheciam bem. Ali encontraram bons esconderijos nas ravinas e cavernas para os seus irmãos fugitivos, a quem forneciam leite e queijo para o seu sustento. Outros sofreram nos seus esconderijos grande fome e incontáveis privações, enquanto as suas casas e seus campos eram assolados.

Não havia segurança, nem lei, para os hereges desprezados. Eram fugitivos numa terra que era a sua própria terra, e perseguidos na sua ilha natal. As duas semanas seguintes à fuga do Dr. Kalley foram de confusão e de grandes apreensões para o povo perseguido e sem pastor.

Havia agora prisões diàriamente e julgamentos aos quais nenhum leitor da Bíblia, como eles eram depreciativamente chamados, podia escapar e dos quais também não se podia esperar justiça. Testemunhas falsas eram muitas vezes subornadas; o acusado era obrigado a pagar as despesas do seu próprio julgamento e do tempo em que permanecesse cativo. Eram excomungados. E todos os fiéis católicos romanos proclamavam aos

quatro ventos, sentenciosamente: «Que ninguém lhes dê lume, água, pão ou qualquer outra coisa que venham a necessitar. E ninguém pague o que lhes deve. Esta ordem foi tão estritamente observada que os que tinham algum coisa para vender, não encontravam comprador por preço algum. Alguns deixaram com os amigos para lhes guardarem, em confiança, aquilo que tinham; mas a sentença de excomunhão reduziu pràticamente à miséria todos os crentes ([92]).

Pode-se perceber que não sòmente os bens pessoais do Dr. Kalley mas também toda a sua obria missionária, levada a efeito durante oito anos, na Madeira, fora igualmente reduzida a cinzas. A oposição e o sofrimento sem limites que os crentes tiveram de suportar, pareciam atingir um novo clímax. João Fernandes da Gama, que fora testemunha ocular destas cenas, relata incidentes de tortura cruel, tais como as que foram infligidas a uma mãe e três filhos pequenos, D. Mariazinha de Vasconcelos ([93]). Ele dá ainda uma descrição minuciosa do assassínio e bárbara mutilação de António Martins, natural de S. Roque.

FUGA DA MADEIRA

Os incidentes na Madeira coincidiram com um plano inglês de recrutar trabalhadores para Trindade, Antigua e St.ª Kitts, nas Antilhas Menores. Barcos ingleses, à procura de trabalhado-

res, tocavam os portos dos Açores e atracavam no porto do Funchal, Madeira, no mês de Agosto ([94]).

A 23 de Agosto o «William», de Glasgow, largava da baía do Funchal em direcção da Trindade. Levava a bordo mais de duzentos refugiados religiosos, sem bagagem e muitos deles vestindo roupas oferecidas pela tripulação. Secretamente, durante a noite ou às primeiras horas da madrugada, despediam-se das matas, nas faldas das montanhas, e dirigiam-se às praias mais isoladas, onde eram recebidos em barcos que os conduziam às pontes do navio britânico.

Era verdadeiramente tocante ver as lágrimas de gratidão, ouvir preces de intercessão pelos seus inimigos e escutar hinos de louvor e acção de graças; era comovente ver, à medida que o seu número aumentava, reunindo-se agora em multidões, a procurar entre estranhos a protecção que os seus compatriotas lhes negavam. Velhos e novos, fortes e fracos, raparigas e mulheres com crianças ao peito — todos se precipitavam para o «William», sabendo que ali havia corações batendo com afecto e ternura pelo rebanho sofredor de Cristo ([95]).

Apesar de tudo foi com lágrimas nos olhos que viram desaparecer no horizonte, a 23 de Agosto, a sua ilha natal. Poucos dias volvidos, mais de quinhentos haviam de seguir-lhes o rasto para a Trindade, a bordo do «Lord Seaton». Durante os meses seguintes muitos mais abandonaram a

sua ilha natal, em busca de liberdade de culto em terras de além-mar. As autoridades, nessa altura, permitiram a sua emigração, num esforço de limpar da ilha os calvinistas e de restaurar a ordem. Os primeiros emigrantes estabeleceram-se na Trindade, em Antigua, em St.ª Kitts, em Demerara e na Jamaica.

O governo britânico pediu e recebeu dos Portugueses uma indemnização no valor de sete mil libras pelos prejuízos sofridos pelo Dr. Robert Reid Kalley. Mas os portugueses dispersos no exílio, que também perderam tudo quanto tinham, encontraram apenas compensação no maior grau de liberdade que experimentaram na terra que os recebeu. Não há números certos para apresentar, mas, por estimativa, pode calcular-se o número de refugiados religiosos que deixaram a ilha da Madeira, como resultado das perseguições de 1846, em cerca de dois milhares.

CAPÍTULO II

APÓS A TEMPESTADE

(1846 - 1855)

CAPÍTULO II

APÓS A TEMPESTADE (1846-1855)

A — OS MADEIRENSES NAS ANTILHAS E SUAS PROVAÇÕES EM TERRA ESTRANHA

Depois de chegarem às ilhas espalhadas das Antilhas Menores, os madeirenses arranjaram trabalho nas plantações de açúcar, onde havia grande falta de mão-de-obra Foi-lhes difícil aclimatarem-se; sofreram as consequências do calor e da humidade, com ataques de febre e desinteria. Muitos adoeceram, e o número de mortos tornou-se assustador ([96]). O Governador da Trindade, Lord Harvis, tornou-se pessoalmente preocupado com a situação e ordenou a mudança dos portugueses para regiões mais salubres da ilha. Novos empregos se lhes depararam nas plantações de cacau e café que eram cultivadas à sombra de grandes árvores, e não sob o intenso sol tropical, como acontece com a cana de açúcar.

Grandes manifestações de bondade eram dispensadas aos refugiados religiosos portugueses pelos residentes da ilha. A barreira da linguagem dificultou as comunicações, mas os madeirenses gravaram na sua própria língua, a sua gratidão pelas provas de bondade e simpatia que receberam de mãos estrangeiras ([97]).

Eventualmente, em cidades como o Porto de Espanha, os portugueses abriram pequenas lojas de barbeiro, sapateiro, alfaiate, carpinteiro e canteiro. Mas, o preço de novas mobílias para a casa e a substituição dos fatos perdidos estavam para além das suas possibilidades imediatas. O nível de vida era muito mais alto que na Madeira, e o novo ambiente era estranho para eles; bem longe ficara a vida simples que eles conheciam; o novo ambiente tornava inevitável uma transformação radical nos seus costumes.

VIDA E TESTEMUNHO

Os crentes portugueses caracterizavam-se como puritanos e pietistas, em contraste com os ingleses, mais mundanos, ou com os franceses e espanhóis, seus vizinhos nas ilhas, que eram menos dados à religião ([98]). A atitude religiosa dos madeirenses, combinada com as barreiras étnicas e linguísticas, acabaram por separá-los em pequenas comunidades nas muitas ilhas onde se estabeleceram. Cada comunidade tinha o seu lugar

e a sua hora de culto, Escola Dominical para as crianças e grupos de Estudo Bíblico durante a semana.

O presbítero Arsénio Nicos da Silva, que tinha sido tão bom servo sob a tutela do Rev. William H. Hewitson, foi ordenado ao ministério e indicado pela Igreja Livre da Escócia como pastor da congregação da Trindade. Em Porto de Espanha, durante o ano de 1847, era normal ver para cima de trezentos crentes nos cultos de domingo, e muitas presenças nos estudos bíblicos e reuniões de oração ([99]). A fervorosa convicção cristã dos madeirenses reflectia-se em elevado grau nas suas vidas diárias e nas suas relações com os outros. Este testemunho atraiu, irresistìvelmente, outros, muitos deles, anteriormente, católicos romanos ([100]).

O pastor Arsénio Nicos da Silva era muitíssimo estimado pelos seus compatriotas, aos quais servia fielmente e com notável eficiência. O seu ministério pastoral confortou-os e ajudou-os durante os primeiros meses de dificuldades financeiras, de solidão e de nostálgica saudade da família e amigos e da Pátria. O seu ministério foi curto. Uma doença bastante séria tornou aconselhável submeter-se a um melindroso e mais cuidado tratamento em Nova York, onde morreu, cinco semanas após a sua chegada, a 10 de Janeiro de 1849.

A direcção espiritual da comunidade protestante portuguesa na ilha de St.ª Kitts foi confiada

ao presbítero Martinho José de Sousa, e, em Antigua, ao diácono José Marques. Embora eles não tivessem tido uma preparação prévia para a responsabilidade repentinamente imposta sobre os seus ombros, a sua obra foi reconhecida nas comunidades que serviram, e a sua contribuição para o sustento cristão e estabilidade das suas respectivas congregações foi substancial.

De tempos a tempos chegavam novos imigrantes da Madeira com as últimas novas da terra natal e nova coragem para os seus irmãos no exílio. O montante das dificuldades financeiras e de todos os problemas a atender com a reinstalação dos que iam chegando, contudo, estava para além das suas capacidades de pastores e para além dos recursos e provisões das igrejas portuguesas.

MINISTÉRIO DO SR. HEWITSON NA TRINDADE

A 2 de Janeiro de 1847 o Rev. William H. Hewitson, a pedido da Comissão Colonial da Igreja Livre da Escócia, embarcou para a Trindade. O objectivo da sua missão entre os exilados, como ele mesmo afirmou, era «não sòmente administrar consolo evangélico, mas reorganizá-los ordenadamente numa Igreja» [101]. Era intenção sua realizar esse projecto em apenas três meses e a medida do sucesso obtido por esse ministro, fìsicamente débil, é simplesmente notável.

Na sua passagem pela Madeira parou secretamente para visitar alguns amigos e conhecidos, novos convertidos portugueses. A 28 de Janeiro chegou a Porto de Espanha, na Trindade, onde foi recebido com saudações e abraços, lágrimas e risos, de amáveis e cordiais boas-vindas ([102]). Descrevendo este encontro ele diz:

«O encontro foi de ambos os lados, pleno de alegrias, em vista dos afectuosos laços que já nos uniam, desde a Madeira, laços esses que foram estreitados em circunstâncias de perigo e dificuldade, que eram mais do que suficientes para colocar o momento acima duma ternura vulgar» ([103]).

O Rev. Hewitson depressa deu ao presbítero Martinho de Sousa o encargo de professor das crianças portuguesas, confiando-lhe também classes nocturnas para os adultos. Organizaram-se também classes de catecúmenos e, durante os primeiros dois meses, foram convenientemente preparados dezoito crentes para o rigoroso exame que os tornaria membros da Igreja. Mr. Hewitson fez referências a outros catecúmenos que tinham a lâmpada da palavra de Deus nas mãos, mas a quem faltava o óleo da Graça de Deus nos corações ([104]).

Mr. Hewitson empenhou-se num ministério itinerante que devia levá-lo a outras ilhas em demanda da diáspora madeirense. A sua própria descrição destas jornadas missionárias revela a

qualidade do seu zelo e o amor que nutria pela sua congregação dispersa.

«Ontem fui a Santa Cruz — a nove ou dez milhas daqui — em busca dos portugueses, e encontrei vinte na mesma fazenda; após o término do dia de trabalho, celebramos o culto juntos. Era sempre um culto muito animador. ... Trabalhar neste clima quente não faz bem à minha doença. Dificilmente tenho um dia em que não me sinta fatigado» ([105]).

E para seus pais, a 31 de Março:

«Na quarta-feira da semana passada, saí daqui numa carrinha pouco depois das seis horas da manhã; e, viajando dez milhas, preguei para quarenta portugueses ao ar livre, à sombra duma grande árvore. Depois andei mais de seis ou sete milhas para pregar a cerca de vinte portugueses numa água-furtada. Voltei então para trás mais quatro ou cinco milhas e tornei a pregar ... em Arouca, para um grupo de portugueses que se reuniu após o seu trabalho diário, vindo de duas milhas em redor. Na quinta-feira de manhã estava aqui para o pequeno almoço, depois de sair de Arouca muito cedo. Se Deus quiser estarei outra vez em Arouca no próximo domingo, para administrar a comunhão e pregar duas vezes. No domingo passado celebrei a Ceia do Senhor aqui para oitenta comungantes portugueses. Todos os presentes eram portugueses menos eu» ([106]).

O Rev. Hewitson despediu-se dos exilados na Trindade no princípio de Maio de 1847, satisfeito por deixar a igreja dos refugiados em boa ordem e de maneira muito promissora ([107]). A despeito das suas forças físicas e do enervante calor tropical, Mr. Hewitson visitou St.ª Kitts,, onde pregou catorze vezes e ministrou duas vezes o Sacramento da Ceia do Senhor ([108]).

Chegou a Clyde a 15 de Julho de 1847 e logo em seguida foi colocado como pastor da congregação da Igreja Livre da Escócia, em Dirleton, a cerca de vinte milhas de Edimburgo. Ali serviu com a sua habitual eficiência, e, durante os três anos restantes da sua vida, manteve um interesse pastoral pelos crentes portugueses da Madeira, na Índia Ocidental Britânica e nos Estados Unidos da América. A 7 de Agosto de 1850, esse homem grandemente provado, e que alcançou um lugar logo a seguir ao do Dr. Kalley, na realização do apostolado aos madeirenses, achou libertação na morte.

B — FIXAÇÃO DOS MADEIRENSES EM ILLINOIS

CHAMADA PARA A AMÉRICA

Como ficou dito acima, as condições económicas da grande maioria dos madeirenses exilados nas Antilhas Menores foram sérias desde o princípio. E isto atingiu proporções alarmantes com a falência do Banco das Antilhas, a baixa

de preço do açúcar nos mercados mundiais e com a bancarrota das principais firmas comerciais de Trindade ([109]). A situação agravou-se ainda mais pela cessação dos projectos de construção do Governo, onde muitos madeirenses estavam empregados.

Com a aquiescência da Igreja Livre da Escócia, foram dirigidos apelos à Sociedade Protestante Americana e à União Cristã Americana, em Março de 1848, solicitando:

«...Uma porção de terra boa para cultivar nos Estados Unidos, onde possam viver perto uns dos outros, construir igreja e escolas para as crianças, e onde possam ganhar honestamente o pão de cada dia e prestar culto ao Senhor Deus de Israel em espírito e em verdade» ([110]).

O Rev. Sr. Norton e N. Demotte, Secretário da Sociedade Protestante Americana, responderam a 9 de Maio, assegurando-lhes que poderiam obter terra e que lhes seria prestada assistência financeira. Encorajados pela pronta e generosa simpatia e pelo auxílio do povo americano, dentro de pouco tempo os crentes começaram a chegar em grupos sucessivos a Nova York e Baltimore. Em Novembro de 1848 um grupo de mais de uma centena chegou a Baltimore, num domingo de manhã. Foram calorosamente recebidos, generosamente tratados e presenteados com roupas indispensáveis. O presbítero Sr. Francisco Sousa Jardim, profundamente

comovido pela forma carinhosa como ele e os seus compatriotas foram recebidos, escreveu:

«Sòmente pela intervenção de Nosso Bondoso Deus, depois das perseguições sofridas por causa do Evangelho, na nossa terra natal, e por causa desse mesmo Evangelho, nós pudemos ser recebidos agora, de braços abertos numa terra estranha e ser atendidos em todas as nossas necessidades» ([111]).

A Sociedade Protestante Americana enviou o Rev. Manuel G. Gonçalves à Trindade para estudar o caso e as condições dos madeirenses ali e recomendar um plano para a sua emigração. É interessante notar que o Rev. Gonçalves nasceu na Madeira e emigrou para os Estados Unidos da América, com seus pais, quando era ainda criança. Era agora um ministro ordenado Baptista ao serviço da Sociedade, como Evangelista, entre os seiscentos pescadores portugueses provenientes dos Açores que viviam nos portos de pesca de Nova Inglaterra.

O Rev. Gonçalves impressionou-se pela simplicidade, pela sinceridade e pela piedade dos exilados da Madeira. É em termos inflamados que se refere à condição espiritual e à diligência daqueles que «tinham sacrificado as suas propriedades e tudo quanto possuíam — amigos, família, a terra onde nasceram — tudo por causa do Evangelho e em obediência aos ensinos e à lei de Deus» ([112]). Regressou aos E. U. A. na

Primavera de 1848 e tomou parte na recolha de grandes somas de dinheiro para fazer face às despesas de viagem e sustento de mais emigrantes. Os novos grupos foram recebidos na «Casa dos Marinheiros», de Nova York, a qual foi usada para este fim pela Sociedade Protestante Americana desde Agosto de 1848 até Março do ano seguinte.

Em Maio de 1849 o Rev. Manuel Gonçalves fez uma segunda viagem à Trindade a fim de dirigir a fase final do plano emigração. Três barcos americanos foram contratados para transportar os restantes madeirenses, em número aproximado de quinhentos. As embarcações foram contratadas para 24 de Maio e 15 de Junho de 1849 ([113]). Os lugares deixados vagos pelo êxodo em tão larga escala de Trindade, foram mais tarde ocupados por outros refugiados, vindos das ilhas mais pequenas e mais retiradas. Num espaço de tempo relativamente curto, a igreja fundada pelos calvinistas portugueses na Trindade era mais forte do que nunca. E ainda hoje a igreja de Santa Ana é uma das congregações da Igreja Escocesa em Porto de Espanha ([114]).

IGREJAS ESTABELECIDAS EM JACKSONVILLE E SPRINGFIELD

No princípio de 1848, a American Hemp Company ofereceu possibilidades e garantias muito satisfatórias para a instalação e colocação

dos madeirenses em Nova Berlim, situada entre Jacksonville Springfield, em Illinois ([115]). Contudo, a companhia faliu, deixando perto de setecentos refugiados na cidade de Nova York, ao cuidado da Sociedade Protestante Americana. As igrejas protestantes de Jacksonville e Springfield tiveram conhecimento desta reviravolta da fortuna e tomaram a seu cargo a responsabilidade de encontrar casas e empregos para os madeirenses. A oferta foi gratamente aceita pela colónia inditosa. Os exilados que estavam sobre o Atlântico desde que haviam deixado a sua terra até que chegaram a Nova York, embarcaram de novo para Jacksonville e Springfied, através do Rio Hudson, Eric Canal, Grandes Lagos e Rio Illinois. A única parte da viagem feita por terra foi a distância de vinte milhas que separa o Rio Illinois, em Nápoles, de Jacksonville, onde o primeiro grupo de duzentas e oitenta pessoas chegou a 15 de Novembro de 1849, sob a orientação do Rev. Manuel G. Gonçalves ([116]). Metade do grupo seguiu até Springfield, trinta milhas adiante.

A comissão designada para os preparativos necessários à recepção e instalação de tão grande colónia de refugiados, antes que o Inverno chegasse, trabalhava sob a direcção do Governador de Illinois, Sr. Charles French, Rev. M. Stewart, presidente do Illinois College, em Jacksonville e Rev. Albert Hale, de Springfield. Todos receberam hospitalidade em casa dos membros da

Igreja até que fosse possível arranjar melhores e mais permanentes acomodações. As únicas dificuldades que os madeirenses encontraram foram os entraves da língua e a transição brusca do calor tropical das Antilhas para o clima de inverno em Illinois.

O segundo grupo de refugiados, também acompanhados pelo Rev. Manuel Gonçalves, instalou-se em Waverly, a meio caminho de Jacksonville e Springfield. No terceiro grupo vinham todos os que restavam aguardando em Nova York. Dirigidos pelo presbítero João Dias dos Santos, este último grupo fez a mesma longa jornada e acomodou-se distribuindo-se, em números iguais, por Jacksonville e Springfield ([117]).

Na altura da fuga da Madeira, em 1846, dois jovens diáconos da Igreja do Funchal, Srs. António de Matos e Henrique Vieira, foram convidados pela Igreja Livre da Escócia a prepararem-se para o ministério. Estavam concluindo os seus estudos no Divinity Hall da Universidade de Glasgow, quando as igrejas reorganizadas em Jecksonville e Springfield apelaram para a Igreja mãe na Escócia, a fim de que eles fossem ordenados e enviados a Illinois, o mais cedo possível.

O Rev. António de Matos chegou na Primavera de 1850. Foi colocado como pastor das igrejas portuguesas de Springfield e Jacksonville, e o seu salário foi-lhe enviado pela Igreja da Escócia durante os três primeiros anos de ministério. Com o encorajamento e a autorização da Igreja

Livre da Escócia, foi recebida sob o cuidado do Presbitério de Springfield, no Sínodo de Illinois, em Setembro de 1855, a Primeira Igreja Presbiteriana Portuguesa de Springfield ([118]). A Segunda Igreja Presbiteriana Portuguesa foi organizada com uma colónia da primeira Igreja, em Maio de 1858.

Situação semelhante se desenvolvia em Jacksonville, onde a Primeira Igreja Presbiteriana Portuguesa foi recebida pelo Presbitério de Springfield em Abril de 1856. A Segunda Igreja Presbiteriana Portuguesa foi organizada em Maio de 1858, como consequência de uma dissensão na Primeira Igreja. Anos volvidos, em 1878, foi organizada a Igreja Presbiteriana Central Portuguesa, recebida sob protecção do Presbitério de Springfield, a 27 de Setembro de 1882. A Igreja Central uniu-se à Primeira Igreja, em Abril de 1887, passando a formar a Igreja Presbiteriana Portuguesa Unida de Jacksonville ([119]).

NOVOS EMIGRANTES DA MADEIRA

A emigração de madeirenses, provenientes do Funchal para o Novo Mundo ocasionou um restabelecimento de portugueses protestantes em Porto de Espanha, vindos de outras ilhas no Arquipélago das Antilhas Menores.

Além disso chegaram ainda pequenos grupos da Madeira os quais fugiram à falta de comida

e à crise económica de 1847 ([120]), e foram ocupando gradualmente os lugares das famílias que haviam emigrado para os Estados Unidos da América. A colónia estabelecida na Trindade foi assim revitalizada e garantido o crescimento contínuo da Igreja. A Igreja Livre da Escócia ordenou e enviou o Rev. Henrique Vieira para ser o pastor da Igreja Portuguesa na Trindade, mais ou menos ao mesmo tempo que ao Rev. António de Matos fora dado o cuidado pastoral das congregações de Illinois.

Todavia, muitos dos calvinistas que permaneceram na Madeira e conseguiram resistir a anos de violência e perseguição, e outros que secretamente, tinham abraçado a fé evangélica, e ainda outros cujos parentes estavam agora vivendo em Illinois, não se sentiam atraídos para a Trindade, mas buscavam todos os meios de emigrar para os E. U. A. ([121]). O Dr. Robert Reid Kalley, que esteve de visita em Illinois no ano de 1853 ([122]), e outros habitantes de Nova York e Edimburgo foram bem sucedidos na busca de fundos para poderem custear as passagens de madeirenses para Nova York. Os recursos obtidos tornaram possíveis três carregamentos em 1855. A pedido do Dr. Kalley, o Sr. João Fernandes da Gama, um estudante de Teologia, viajou de Springfield para dar assistência ao desembarque do segundo grupo, que contava cento e trinta almas ([123]).

C — MADEIRA, APÓS A PARTIDA DOS EXILADOS

AS BÍBLIAS ESCONDIDAS E AS REUNIÕES SECRETAS DOS CRENTES

A fúria com que os «hereges calvinistas» tinham sido arrebatados da Madeira dava a ilusão de que o movimento fora tão fundamente abalado ou arrancado pela raiz, que seria impossível qualquer ressurgimento. Todos os portugueses, conhecidamente ligados ao movimento, estavam no exílio.

Não havia sinais de protestantismo entre os portugueses na ilha da Madeira. A planta tenra, derribada por mãos violentas, parecia morta. A Igreja e o Estado, a despeito de uma nova vaga de tolerância religiosa, descansavam seguros de que a heresia tinha sido erradicada. O Bispo do Funchal, numa carta pastoral emitida a 30 de Outubro de 1846 e publicada no jornal da Madeira em Novembro, denunciava severamente «Aquele Lobo da Escócia» e impunha aos fiés que «Juntassem devotamente suas preces às da Santa Igreja, em acção de Graças ao Senhor, por ter libertado o seu povo do flagelo da heresia, com que, nos dias da sua ira, os tinha visitado» ([124]).

Embora não houvesse sinais óbvios de testemunho evangélico na Madeira, deve ter causado certa ansiedade na chancelaria diocesana o facto de, em 1853, um segundo e grande grupo de

emigrantes se tivesse passado da Madeira para Illinois, afirmando à chegada, mais de mil madeirenses, serem de religião protestante ([125]).

Como eram revivificadas e alimentadas as cinzas da fé ? Algo devia estar activo na Madeira, ainda que não houvesse cultos nem fossem encontradas Bíblias. E assim era. Algumas Bíblias escaparam à fogueira da praça pública. Estas eram escondidas, durante o dia, sob as pedras das lareiras, desaparecendo cuidadosamente sob uma negra capa protectora. À noite, um ou outro dos restantes crentes deixava o seu esconderijo no pinhal e encaminhava-se para uma determinada choupana no fundo do vale. Ali encontraria um pequeno grupo de irmãos na fé, que não podiam ler por si mesmos, reunidos secretamente para ouvir a Palavra da Vida ([126]). Uma destas Bíblias pode ser vista hoje na Igreja Presbiteriana do Funchal, onde é guardada numa redoma, junto à parede ocidental.

O INTERESSE E OS ESFORÇOS DA IGREJA DA ESCÓCIA

O papel representado por membros individuais da Igreja Escocesa e pelo Rev. William H. Hewitson, durante os oito anos de trabalho missionário do Dr. Kalley entre os Portugueses, afectou indubitàvelmente o *status* da jovem congregação escocesa e vida da colónia britânica na Madeira. Apesar disso, nem nas actas

oficiais da igreja, nem nas publicações e cartas pessoais se encontrou qualquer recriminação contra o encorajamento ou aceitação nas igrejas protestantes de prosélitos portugueses, vindos do Catolicismo Romano. A Congregação ligada à Igreja da Inglaterra, ao contrário, adoptou uma política que excluía completamente tudo o que pudesse parecer qualquer esforço ou encorajamento de levar portugueses da Madeira à Igreja Protestante. Quando precisavam de um novo clérigo na congregação inglesa, especificavam o seu desejo de convidar um homem que evitasse ofender os preconceitos da comunidade Católica Romana no país em que teria de residir ([127]).

A Igreja Escocesa sentia-se envolvida com os Portugueses quase desde o princípio. Entre os nomes dos seus setenta e três comungantes, quatro são portugueses: Breciano, Costeira, Pires e Vieira. Esta pequena congregação nunca chegou a atingir o alvo de grande expectativa, que levou à sua edificação na Madeira. Em muitas ocasiões, durante os interregnos pastorais, suas actividades eram suspensas, e, mais do que uma vez, quase se extinguiu. Todavia, o movimento evangélico, iniciado pelo Dr. Robert Reid Kalley entre os madeirenses, embora muitas vezes preseguidos e sèriamente maltratados, manteve um testemunho contínuo na ilha.

Nutrindo e fortalecendo aquele movimento, os residentes escoceses revivificavam-se de tempos a tempos. Um exemplo notável foi a resignação

do Rev. John Munro Allan, de pastor da congregação escocesa em Abril de 1883, quando a Comissão Colonial de Edimburgo decidiu «interromper os cultos em língua inglesa até que circunstâncias mais favoráveis se oferecessem de novo». A Congregação Presbiteriana Portuguesa foi digna de nota, pois apesar de tudo, na Igreja Escocesa continuaram os serviços dirigidos pelo presbítero Manuel Helin. O Presbiterianismo foi salvo de vitupério de ter fechado as portas da sua igreja, ali, durante os anos de 1883 e 1892. Em Janeiro de 1892, o Rev. Drummond Paterson, M. A., foi nomeado pela Comissão Colonial da Igreja Livre da Escócia e começou um ministério que prolongou durante trinta e dois anos, o mais longo nos anais da Igreja Escocesa na Madeira.

Durante o período em que a Igreja e o Estado hostilizaram os «hereges calvinistas», os membros da Igreja Escocesa que já se tinham arriscado tanto através do encorajamento e da assistência prestada ao movimento evangélico entre os Portugueses, não ousaram arriscar muito mais todo o seu futuro continuando a auxiliá-lo abertamente. Secretamente, todavia, continuavam a dispensar assistência material, fazendo o possível por amenizar os sofrimentos dos protestantes portugueses. Na esteira das perseguições e do êxodo de 1846, quando todos os traços de movimento pareciam estar apagados, a Igreja da Escócia foi impotente para restabelecer a situação.

A NOVA COMUNIDADE DOS FIÉIS

«Finalmente, em 1875, quase trinta anos após a perseguição que tinha desviado da ilha pelo menos duas mil almas, foi renovada a amizade franca entre Portugueses e Escoceses». Uma atitude mais liberal e tolerante triunfou, a qual impeliu a Igreja da Escócia a iniciar um novo esforço missionário entre os madeirenses. O Rev. Robert Angus, pastor da Igreja Escocesa, recolheu, numa congregação fervorosa, os frutos os seus esforços evangelísticos entre os Portugueses. A nova comunidade foi entregue ao cuidado pastoral do Rev. António de Matos, que tinha estado em Lisboa, gozando a sua aposentação, depois de anos ao serviço das congregações de Illinois.

A congregação portuguesa passou a usar, até aos nossos dias, a igreja escocesa, com todos os direitos e facilidades, na cidade do Funchal. Depressa foi aberto um entreposto para a distribuição de Bíblias e de literatura evangélica. Abriram-se três escolas, duas no Funchal e outra em S. Roque.

Em Santo António da Serra, onde a maioria dos crentes foram alcançados pela pregação evangelística e pelo trabalho pastoral do Dr. Kalley, reuniu-se a relíquia ali existente num corpo vivo. Em Machico, vale isolado, com o seu aconchegado porto de pesca, um outro grupo da primeira geração calvinista foi reunido numa comunidade de fiéis e firmes crentes.

Mas o renascimento do Protestantismo na Madeira, com o relaxamento das leis que regiam os cultos, é uma outra história. É suficiente afirmar aqui que a comunidade evangélica reviveu, sob orientação espiritual duma sucessão de hábeis ministros portugueses e escoceses, crescendo e fortalecendo-se cada vez mais. Hoje, os descendentes espirituais do Dr. Kalley e os «calvinistas» encontram-se distribuídos por quatro activas Igrejas Presbiterianas na ilha. Mantêm duas escolas primárias, um depósito de Bíblias e uma pequena clínica e um dispensário.

CAPÍTULO III

APOSTOLADO EM OUTRAS TERRAS

CAPÍTULO III

APOSTOLADO EM OUTRAS TERRAS

A — O APÓSTOLO À PROCURA DE UM NOVO CAMPO MISSIONÁRIO

RESIDÊNCIA TEMPORÁRIA EM MALTA E PALESTINA

A seguir à sua dramática expulsão da Madeira e a um período de muitos meses na Escócia e Inglaterra, o Dr. Kalley prosseguiu infatigàvelmente a sua missão de servir o Evangelho em terras longínquas. Passou dois anos em Malta onde uma vez mais, procurou cumprir a sua chamada missionária como evangelista, médico e professor ([128]). Dali seguiu para a Palestina, onde, desde 1850 até 1852, trabalhou como missionário evangelista e médico entre os judeus ([129]).

Em companhia do Dr. William M. Thomson, missionário escocês na Síria e Palestina e, mais tarde, autor do livro «The Land And The Book», Dr. Kalley viajou extensivamente na Terra Santa e tornou-se muito conhecedor da Geografia e da História extrabíblica da Palestina. Organi-

zou em Safed uma pequena congregação, metade da qual era constituída de judeus convertidos e a metade restante era de antigos muçulmanos e nestorianos ([130]).

Em Janeiro de 1852, morreu a senhora Kalley, que tão corajosamente tinha participado daqueles difíceis anos na Madeira, e foi sepultada no Cemitério da Colónia Estrangeira em Beirute. E a 12 de Dezembro do mesmo ano, o Dr. Kalley casou com Miss Sarah Poulton (1823-1907), uma talentosa escritora, musicista e poetisa. Era membro duma família riquíssima em manufactura têxtil de Nottingham, família que estava activamente associada ao movimento dos Brethren of Plymouth ([131]). Sarah Poulton Kalley era uma mulher prendada, de grande encanto e piedade profunda, capaz de compartilhar inteiramente da paixão e actividade missionária do seu marido.

INVERNO ENTRE OS MADEIRENSES EM ILLINOIS

O Dr. Kalley deixou em outras mãos a responsabilidade pelo pequeno trabalho que iniciara em Safed e, acompanhado pela esposa, regressou à Inglaterra. Na Primavera de 1855 embarcaram em Southampton para Porto de Espanha, para uma viagem de três meses a seus amigos paroquianos, primeiro na Madeira e agora com residência fixa na Trindade. Foi um encontro maravilhoso. A pregação, os estudos bíblicos, para compensar os madeirenses dos sofrimentos e pri-

vações que tinham suportado desde os acontecimentos daquele dia de Agosto de 1846.

O Dr. Kalley e a esposa passaram o Inverno de 1853-1854 com os Madeirenses em Illinois ([132]). A sua chegada a Springfield e, mais tarde, a Jacksonville e Waverly foi marcada com um festivo feriado para os Luso-Americanos, passado entre calorosas manifestações de boas-vindas, acompanhadas de lágrimas de alegria e hinos de acção de graças. O Dr. Kalley não perdeu tempo em reassumir o seu ministério de pregação e cura entre os seus «filhos na fé», incitando-os a «manterem um interesse vivo por todos os crentes de língua portuguesa em qualquer parte do mundo» ([133]). Em Springfield organizou uma classe blíblica que se reunia duas vezes por semana, e a senhora Kalley ensinou piano, e, por meio de ensaios semanais, melhorou o cântico dos hinos nos cultos da igreja ([134]). Durante a sua permanência nos Estados Unidos, o Dr. Kalley serviu como pastor interino da Igreja Presbiteriana Portuguesa de Springfield. Com o seu trabalho a igreja cresceu sensìvelmente e foram eleitos e ordenados quatro novos presbíteros e igual número de diáconos ([135]).

A construção de um templo próprio para a congregação portuguesa de Jacksonville, sob orientação do Rev. António de Matos foi concluída em 1853. Foi convidado o Dr. Kalley para preparar a liturgia apropriada e pregar o sermão de dedicação da igreja, naquele culto de impor-

tância extraordinária para os protestantes portugueses, cujas raízes estavam já fixadas para sempre no solo americano ([136]).

O Dr. Kalley sentia grande satisfação com a sua vida e o seu trabalho entre os seus prezados madeirenses em Illinois. É provável, contudo, que a primeira chamada, indistinta ainda, para o Brasil, surgisse durante aqueles meses de muita ocupação e felicidade do seu ministério em Springfield. No Brasil pôde melhor cumprir o seu apostolado entre os Portugueses, do que seria possível entre os madeirenses agora arraigados e integrados no meio protestante do médio ocidente americano. No fim do ano de 1854, o Dr. Kalley e sua esposa deixaram Illinois com profunda emoção, e navegaram para a Inglaterra.

B — TRABALHO MISSIONÁRIO NO BRASIL

NOVAS NORMAS PARA O NOVO MUNDO

A 24 de Janeiro de 1855 o Dr. Robert Reid Kalley escreveu uma carta pastoral às igrejas portuguesas de Illinois, da qual o seguinte extracto pode bem mostrar a previsão da abertura, no Brasil, duma obra pioneira como a sua:

«Rogai a Deus que me abra o caminho para o lugar onde Ele deseje os meus serviços. Alimento a esperança de que possa ser entre Portu-

gueses, onde não há Bíblias nem pregadores do Evangelho; e se for este o caso, talvez alguns de vós sintam grande alegria na oração e serviço a fim de que a Verdade de Deus seja conhecida entre aqueles que falam a vossa língua; mas, por enquanto nada está decidido» ([137]).

Não eram passadas muitas semanas, quando, a 9 de Abril, o Dr. Kalley e a esposa embarcaram em Southampton no S. S. «Great Western», da Royal Mail Lines. Desembarcaram no Rio de Janeiro a 10 de Maio de 1855, e foi no Brasil que este denodado escocês deu a maior parte dos seus anos de serviço para o Reino de Deus ([138]).

Fixaram residência em Petrópolis, do outro lado da Baía do Rio de Janeiro, no enorme bairro germânico de Schneizerthal. As duas criadas alemãs e o jardineiro português que acompanhavam todas as noites o Dr. Kalley e a esposa nas orações familiares, marcaram o modesto começo dum grande movimento missionário que havia de culminar com o estabelecimento do Congregacionalismo no Brasil. A senhora Kalley organizou uma Escola Dominical que se reuniu pela primeira vez a 19 de Agosto de 1855 ([139]), e, duas ou três semanas depois, deu início à primeira classe bíblica, para os portugueses do Rio. Com tão fracos começos, a primeira Igreja Evangélica para os portugueses do Brasil, foi fundada em 1856 ([140]). Dois anos depois, a 11 de

Julho, a congregação foi organizada de acordo com o sistema congregacional, e tornou-se conhecida através do mundo da língua portuguesa como a «Igreja Evangélica Fluminense» ([141]). Esta continua a ser, até aos nossos dias, uma das mais proeminentes igrejas evangélicas na América Latina, honrada como a igreja mãe do Congregacionalismo no Brasil e Portugal Continental ([142]).

No Rio de Janeiro não havia congregação estabelecida da Igreja da Escócia, à qual o Dr. Kalley pudesse vincular os seus esforços missionários individuais, como acontecera na Madeira anteriormente. Além disso, ele não estava ali por nomeação da Comissão Colonial da Igreja Livre da Escócia, nem de qualquer outra Junta ou Acção Missionária. Em tais circunstâncias, Dr. Kalley achou conveniente adoptar uma forma simples de culto e uma estrutura congregacional de organização e administração eclesiástica. A chegada do Rev. Ashbel Green Simmonton, a 12 de Agosto de 1859, marcou o início do trabalho missionário no Brasil pela Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana nos E. U. A. Os dois missionários, pioneiros e contemporâneos, mantinham relações amigáveis e cooperantes; mas a mais rápida expansão do trabalho missionário presbiteriano, serviu sòmente para confirmar em Dr. Kalley a convicção de que o regime congregacionalista seria a característica das igrejas por ele organizadas ([143]).

No princípio de 1856 o Dr. Kalley escreveu à comunidade portuguesa de Illinois, convidando os Srs. Francisco da Gama, Francisco de Sousa Jardim e Manuel Fernandes e suas famílias, para tomarem parte na obra missionária do Brasil. Como sinal da medida de sua dedicação e da estima em que tinham o seu «pai espiritual», todos três venderam suas casas e fazendas, e a 7 de Junho, iniciaram, em Baltimore, a viagem de sessenta dias para o Rio de Janeiro ([144]).

Os cooperadores do Dr. Kalley, vindos de Illinois, começaram logo o seu trabalho de colportagem, vendendo Bíblias, Novos Testamentos, livros e panfletos devocionais, e «falando do amor de Jesus». Sempre que tinham oportunidade, pregavam o Evangelho e davam testemunho de sua fé em Jesus Cristo, pelo qual tinham sofrido muito e estavam prontos a sofrer ainda mais. Com este programa organizado de colportagem e evangelismo itinerante, Dr. Kalley antecipara o trabalho da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, a qual enviou o seu primeiro agente, Mr. Robert Corfield, ao Brasil, em Novembro de 1856. Os relatórios e estatísticas dos colportores, mantidos a expensas do Dr. Kalley, apresentam um volume crescente de vendas, um número cada vez maior de perguntas acerca da doutrina e prática cristãs, e uma lista enorme de indivíduos e famílias atraídos à fé evangélica ([145]). Na cidade do Rio de Janeiro recebiam-se os convertidos dentro da família da Igreja Evangélica

Fluminense. Nas áreas mais distantes e isoladas, os neófitos — muitas vezes visitados para serem submetidos a insultos e sofrimentos físicos — formavam pequenos grupos de crentes, que eram visitados, de tempos a tempos, por evangelistas itinerantes e pelo Rev. Kalley. A assistência médica que o Dr. Kalley administrou aos pobres durante a epidemia da cólera em Petrópolis, em Novembro de 1855, foi mencionada com elogios e gratidão num dos principais jornais da capital ([146]). Foi louvado ainda pelos serviços gratuitos e efectivos prestados no combate à epidemia da febre amarela que grassou no Rio, em Julho de 1858 ([147]). Os bons e valiosos serviços prestados pelo Dr. Kalley, em tempos de grave emergência, nunca o escusaram de prestar auxílio e assistência aos pobres, como afirma a imprensa de 26 de Maio de 1859. Submetido a exames pela Universidade Médica da Escola Médica Brasileira, a 29 de Agosto do mesmo ano, dois dias depois recebia as credenciais de médico e cirurgião, válidas em todo o Império do Brasil ([148]). Este reconhecimento tornou possível um ministério contínuo de cura entre os necessitados que requeriam o seu bondoso e sábio serviço, o que o punha constantemente diante de situações que o habilitavam a realizar, de maneira muito acentuada, a sua vocação missionária. É interessante notar que no ano de 1860, o Dr. Robert Reid Kalley foi eleito como Membro do Royal College of Physicians and Surgeons de Edimburgo ([149]).

REUNINDO NOVO REBANHO

No fim de 1859 estavam assegurados a estabilidade e o progresso da Igreja Evangélica Fluminense. Era uma congregação bem organizada com crentes activos e prontos a dar o seu testemunho, incluindo indivíduos de várias nacionalidades e de todas as classes sociais, e ainda algumas senhoras de grande distinção, tais como as consumadas musicistas D. Gabriela Augusta Carneiro Leão e D. Henriqueta Soares Couto ([150]).

A proeminência profissional do Dr. Kalley, como médico-cirurgião, as suas classes de estudo bíblico e pregação efectiva, os seus numerosos panfletos e livros devocionais, e o avanço do seu ministério pelo trabalho dos seus colportores, contribuíram imenso para o crescimento contínuo da Igreja no Rio, e tornaram possível a abertura de missões em bairros muito distantes. Um exemplo notável foi o grande salão arrendado na Travessa das Partilhas, onde instalou uma «Missão de Socorro», a fim de resgatar degenerados e criminosos do «Velho Rio Colonial» ([151]).

Mas nem no Brasil o Dr. Kalley se livrou de determinados esforços fanáticos para esmagar-lhe o espírito e, se possível, intimidá-lo e eliminar o seu trabalho. Em alguns bairros do Rio de Janeiro ele e «os bíblias» eram descarada e cruelmente maltratados enquanto, muitas vezes, a polícia e as autoridades assistiam indiferentemente ao infeliz espectáculo. O incidente que vamos narrar

não é um caso isolado, mas um, dentre muitas experiências semelhantes:

Um domingo, à tarde, de Agosto de 1861, quando a congregação se tinha dispersado e antes que iniciasse a reunião dos oficiais da Igreja, apareceu uma multidão à volta da casa no Rio. Os amotinadores vinham armados com trancas e pedras, pronunciando repugnantes ameaças e bramidos ferozes... em todos os tons imagináveis de escárnio e de raiva. Num ápice as vidraças foram quebradas e as telhas partidas e, se a casa não estivesse assente no cimo duma rocha, sem acesso — senão por uma longa escada exterior — sem dúvida teriam forçado a porta e maltratado bàrbaramente, talvez matado mesmo, todos os que estavam lá dentro. À uma, a multidão investiu pela escada, em direcção à porta, quando uma garrafa bem dirigida, duma das janelas, se fez em pedaços contra a rocha da parede lateral, mesmo à frente deles. Quebrando-se numa chuva de estilhaços de vidro, fê-los recuar, mas continuaram gritando, ameaçando e apedrejando a casa durante três horas, antes que a polícia interferisse ([152]).

O Dr. Kalley era frequentemente atacado na imprensa, apesar de ser correspondente dum dos primeiros jornais do Rio, «O Correio Mercantil». Em 1858 começou a ser publicado um jornal inflamadíssimo, chamado «O Popular». O seu propósito era defender a religião do Estado e

combater a lei em que se reconhecia o casamento civil. Em Outubro de 1858, publicou ele um artigo em termos violentos, chamando a atenção para o facto que o «apóstolo da Madeira está agora connosco no Brasil».

Contudo, o denodado escocês continuou na senda que havia estabelecido para a sua vida. Seu nome tornou-se uma palavra familiar e era tido em grande estima, tendo até recebido a visita de Sua Majestade D. Pedro II, Imperador do Brasil ([153]). Dr. Kalley gozou também da amizade e preferência de muitos brasileiros ilustres. Tornou-se amigo pessoal do naturalista suíço, professor Louis Agassis, que visitou o Brasil em 1865 ([154]). Entre o grande círculo das suas relações estavam cientistas e oficiais representativos da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos da América, da Alemanha, da Rússia e da Suécia.

Deve fazer-se aqui referência à chegada do Rev. Ashbel Green Simonton, a 12 de Agosto de 1859, como missionário pioneiro no Brasil da Junta de Missões Estrangeiras de Nova York. Conheceu logo Dr. Kalley e ficou muito impressionado com ele ([155]) e com o trabalho que já tinha conseguido realizar, independentemente de qualquer Sociedade Missionária. Um incidente, infeliz, quatro meses depois, veio a afectar bastante as suas relações, numa hora em que os dons complementares de cada um eram necessários para a realização, em bases firmes, da obra reformada no Brasil. O Dr. Kalley escreveu e distribuiu

uma declaração anónima, em que chamava a atenção para o facto de Mr. Simonton ter preferido iniciar o seu campo missionário no Rio de Janeiro, quando todo o vasto Brasil estava ainda por evangelizar. Depois de assegurar-se sobre quem era o autor do relato, Mr. Simonton visitou o Dr. Kalley e lamentou o anonimato de sua crítica, e fez sentir a impropriedade de suas declarações. Esses dois homens de tão raro talento estavam preparados para resolver as suas dificuldades e estabelecer uma amizade baseada no respeito mútuo, que havia de servir como uma constante fonte de força para cada um e de enriquecimento para os seus respectivos trabalhos missionários ([156]). Antes de ausentar-se do Brasil, o Dr. Robert Reid Kalley fundou igrejas em Niteroi, opulento subúrbio do Rio, e em Pernambuco, ao norte. Estas duas igrejas e a Igreja Evangélica Fluminense, com todas as suas missões largamente disseminadas, foram os elementos que deram origem às Igrejas Congregacionais do Brasil. Outras congregações surgiram igualmente do trabalho missionário do Dr. Kalley, cuja responsabilidade ele colocou em outras mãos. Por exemplo, em 1873, o Dr. Kalley visitou o Norte do Brasil, após enérgica insistência de dois dos seus colportores. Abriu-se igreja no Recife, nessa altura, a qual, mais tarde, se tornou numa congregação florescente sob orientação pastoral do missionário pioneiro do Norte do Brasil, Rev. James Fanstone ([157]), que era

igualmente um obreiro que trabalhava independentemente de qualquer Sociedade Missionária [158].

O MINISTÉRIO DA PALAVRA IMPRESSA

O Dr. Kalley impressionou-se grandemente com a falta de literatura doutrinária e devocional em português e contribuiu significativamente para preencher esta lacuna. Os colportores ao seu serviço, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e a Sociedade Bíblica Americana vendiam e distribuíam Bíblias, livros e panfletos em quantidades crescentes e havia sempre renovados pedidos de mais literatura. A Sociedade para Publicações de Folhetos Religiosos concedeu subsídios para a publicação de numerosos panfletos da autoria do Dr. Kalley [159]. Entre eles encontram-se os seguintes [160]:

A Serpente de Bronze.
A Autoridade Divina do Novo Testamento.
O que é a Bíblia ?
O Ladrão na Cruz.
O Altar da Família.
A Terra Abençoada.
Incidentes nos Caminhos de Ferro.
Uma Cura Efectiva para os que estão em Desespero.
Semana Santa.
Domingo de Ramos.
Irmão Bartolomeu.

O Dr. Kalley com a colaboração proveitosa de sua esposa, traduziu para português e publicou em seguida «A Guerra Santa» ([161]), de John Bunyan. Usando a linguagem alegórica de Bunyan, escreveu a «Jornada do Cristão para a Bem-Aventurança Eterna», a qual aparecera primeiro, em folhetim, em «O Correio Mercantil», do Rio ([162]). Houve tão bom acolhimento do público que a tradução do «Pilgrim's Progress», «A Viagem do Peregrino», também de Bunyan, seguiu a série. Eventualmente ambos foram publicados em volumes separados a fim de satisfazer o pedido dos leitores que desejavam ter «As Histórias Maravilhosas» de forma mais permanente ([163]). Mais tarde, a Senhora Kalley escreveu «A Vida de John Bunyan» que também foi publicada ([164]). Outros livros devocionais, escritos pelo Dr. Robert Reid Kalley, foram: «Cleon e Maia», «A Felicidade do Lar» e «Breves Orações». Pode mencionar-se ainda o catecismo que o Dr. Kalley preparou, intitulado «Uma Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais da Fé Cristã» que foi recebido como norma de doutrina na Igreja Evangélica Fluminense, a 2 de Julho de 1876 ([165]) e que foi adoptado, mais tarde, como regra de fé para o Congregacionalismo do Brasil e Portugal Continental.

Além da série alegórica, o Dr. Kalley escreveu um grande número de artigos em jornais, tanto de polémica, como de evangelismo. Por estranho

que pareça, estes artigos saíram no «Correio Mercantil» e «Jornal do Comércio» do Rio de Janeiro sob vários pseudónimos, porém, no maior número de vezes, assinado sob o pseudónimo «O crítico» ou «Um católico-protestante». Os títulos dos artigos dão-nos uma ideia do uso que o Dr. Kalley fez da oportunidade que teve de acesso ao único meio de comunicação com as massas, posto à sua disposição. Eis alguns títulos dos seus artigos nos jornais:

A Regra da nossa Fé.
Uma Confissão Importante.
O Jesuitismo no Parlamento.
O que é o Mundo?
Imperium Brasiliense in Imperio Eclesiastico.
As Sagradas Escrituras.
A Sentença de Excomunhão ([166]).

Apareciam ainda de vez em quando, nos jornais do Rio, artigos de natureza polémica, em resposta a ataques feitos ao Protestantismo na imprensa católica romana, especialmente nos semanários «A Cruz», «O Cruzeiro» e «O Apóstolo». Os editoriais acidulados do cónego Pinto de Campos em «O Apóstolo», publicado no Recife, parecem ter incitado o Dr. Kalley a replicar com menos lógica e menos caridade do que era o seu costume ([167]).

Todavia, Dr. Kalley e sua esposa, Sarah, são mais conhecidos e lembrados pela grande e valiosa

contribuição que deram à hinologia evangélica portuguesa. O «Salmos e Hinos», hinário usado pelos evangélicos de língua portuguesa em todo o mundo, seria bastante pobre sem os hinos e versões metrificadas de alguns salmos compostos e traduzidos pelos Kalleys.

A primeira edição de «Salmos e Hinos» ([168]), publicada em 1861, contém cinquenta hinos, metade dos quais foram escritos pelo doutor e pela senhora Kalley. Quatro anos depois, seis novos hinos foram acrescentados, como num apêndice, ao hinário ([169]). Viajando pela Europa, em 1861, o Dr. Robert Reid Kalley mandou publicar a segunda edição de «Salmos e Hinos», em Lisboa. Nesta edição já aparece uma centena de hinos e salmos metrificados, alguns dos quais foram compostos por Mr. Richard Holden, o agente da Sociedade Bíblica Britânica no Rio de Janeiro. A quarta edição, publicada em Londres, no ano de 1873, já contava cento e trinta e um «cânticos sagrados». A quinta edição, também publicada em Londres, quatro anos mais tarde, incluía cento e oitenta hinos. A sétima e oitava edições foram feitas em Edimburgo e apresentavam mais vinte novos hinos. Com a autorização do Dr. Kalley, surgiram outra edições em Illinois, na Trindade e em Portugal e muitos hinos do «Salmos e Hinos» foram incluídos nos hinários evangélicos de Espanha, México e Argentina ([170]). A edição mais recente de «Salmos e Hinos», publicada em 1959,

contém seiscentos e oito hinos e salmos metrificados; a autoria de setenta e dois desses hinos é atribuída a Sarah Poulton Kalley, e treze ainda, a seu marido Robert Reid Kalley ([171]).

Sarah P. Kalley também devotou o seu talento e conhecimento musical preparando a primeira edição de «Música Sacra», que foi publicada em Leipzig, em 1868 ([172]). Continha essa colecção setenta e seis hinos e coros e foi o precursor de «Salmos e Hinos» com música sacra, publicado em Londres no ano de 1889. A introdução de «Música Sacra» oferece um resumo do emprego litúrgico da música sacra e sugestões para o cântico congregacional, do qual seleccionámos os seguintes extractos:

«É prudente não esforçar a voz; é preferível cantar demasiado suave, a forte em demasia. ... Convém lembrar, também, que deve haver grande solenidade e reverência na nossa maneira de entoar louvores ao Deus Altíssimo; o hábito de enunciar preguiçosamente as palavras não corresponde à alegria Santa que deve caracterizar o culto daqueles que foram remidos pelo precioso sangue de Cristo.

... A coisa principal, por conseguinte, é render a Deus o verdadeiro louvor dos nossos corações; seria verdadeiramente lamentável se maior atenção fosse dada à música do que às palavras, que dão expressão ao cântico» ([173]).

O talento poético e musical da Senhora Kalley foi consagrado ao desenvolvimento duma hinologia para as comunidades evangélicas de língua portuguesa nos pontos mais diversos do Globo. Quer escrevendo hinos, quer compondo músicas, ensinando organistas para as igrejas, ou dirigindo os coros das mesmas, ou ainda estabelecendo padrões para o cântico congregacional, o seu grande serviço prestado à primeira geração do Protestantismo brasileiro, foi singular e os benefícios das contribuições que ela deu são ainda apreciados com gratidão, um século depois.

C — FIM DE UMA CARREIRA MISSIONÁRIA

APOSENTAÇÃO NA ESCÓCIA

O Dr. Robert Reid Kalley e sua esposa, ao fim de quase vinte e dois anos de trabalho missionário no Brasil, embarcaram para a Inglaterra a 10 de Julho de 1876 ([174]). Indiscutìvelmente gratos pelos serviços do Dr. Kalley e esposa, os brasileiros foram, apesar de oprimidos pela profunda tristeza da separação, assistir à sua derradeira partida. Dr. Kalley serviu bem e edificou bem. O trabalho por ele estabelecido no Brasil é uma lembrança constante do seu ministério de amor e bondade; da dedicada abnegação de sua pessoa, pelo bem-estar espiritual e material de todos os que entraram no círculo dos seus

interesses cristãos; da sua coragem e fé diante das dificuldades e oposições; e da sua firme paixão de trazer almas para a «família dos reunidos em Cristo». Para aqueles que o tinham conhecido melhor e estimado mais, havia o sentimento constante de que a sua presença continuava no meio deles e na vida da Igreja Fluminense ([175]).

A responsabilidade das igrejas foi entregue à competente e consagrada orientação de um filho da Igreja Evangélica Fluminense, o Rev. João Manuel Gonçalves dos Santos. Sendo, talvez, o primeiro pastor do Brasil com preparação Teológica, o Rev. João Manuel Gonçalves dos Santos estudou no Spurgeon Theological College, em Londres ([176]).

O Dr. Kalley e sua esposa, agora em Greenfield, a sua casa de Edimburgo, recebiam os amigos de longa data, mas agradava-lhes, acima de tudo, ser visitados por aqueles que tivessem participado das suas vidas e esforços na Madeira, Illinois ou Brasil. O Dr. Kalley continuou a manter volumosa correspondência com pastores, evangelistas, colportores e presbíteros de língua portuguesa de Portugal, Madeira, Trindade, Illinois e Brasil. Esses repartiam com ele seus variados problemas e suas pequenas vitórias e seguiam seu sábio conselho e o seu encorajamento. Ele foi a ponte que ligou três continentes e grande número de ilhas, onde quer que estives-

sem evangélicos de língua portuguesa; tinha a habilidade especial de desfazer as divisões que surgissem dentro da comunidade evangélica. Foi o mentor e pai espiritual duma nova geração de ministros e missionários, imitando a sua visão, o seu zelo e a sua dedicação. Entre eles encontramos o Rev. António de Matos, em Illinois; o Rev. David Artur, nas Honduras, servindo uma pequena congregação de residentes portugueses provenientes da Madeira, através da Trindade; o Rev. Henrique Vieira, na Trindade; o Rev. Emanuel N. Pires, em Honolulu, como pastor da igreja portuguesa fundada por emigrantes dos Açores, da Madeira, de Macau; o Presbítero Martinho Vieira, na Madeira; e os Reverendos João Manuel Gonçalves dos Santos, João Fernandes da Gama, Presbítero Bernardino Guilherme da Silva, e os colportores Manuel Fernandes, Francisco de Sousa Jardim e Francisco da Gama, no Brasil.

Outros ministros luso-americanos que trabalharam em Illinois ou Brasil foram os Reverendos Robert Lennington, Joseph Cherry, Ernest Fernandes e J. J. Silvester. Deve mencionar-se ainda o Senhor Manuel Vieira, um humilde emigrante português que fora para o Brasil e lá ouviu a pregação do Evangelho, pelo Dr. Robert R. Kalley, no Rio de Janeiro. O senhor Vieira voltou para Portugal, em 1861, no ano seguinte — dois anos antes que a Sociedade Bíblica Britânica e

Estrangeira montasse uma agência em Lisboa e começou um trabalho de colportagem e evangelização de casa em casa ([177]).

ROBERT REID KALLEY: UMA APRECIAÇÃO

Robert Reid Kalley era um homem de espírito pronunciadamente evangélico, mas empenhado em permanecer alheio a estreitos denominacionalismos e a fórmulas rígidas de credo. A sua atitude para com os outros era caridosa e era generoso no exercício da sua profissão, como médico e cirurgião, à disposição de quem necessitasse dele, sem distinção de raça, nacionalidade ou credo. Respeitava todas as coisas cristãs e, relembrando os tempos do seu agnosticismo, sabia ser amigo de homens com vários graus de crença ou de descrença.

Todavia, o Dr. Kalley deplorava o antieclesiasticismo e algumas das doutrinas a que os «Irmãos de Plymouth» dão particular ênfase, embora fosse ele mesmo, até certo ponto, influenciado pelos seus padrões de simplicidade de vida e de culto, nunca porém pelo seu terrível individualismo. Numa série de cartas escritas à Igreja Evangélica Fluminense, durante a sua aposentação em Edimburgo—mais tarde reunidas e publicadas sob o título de «O Darbismo» ([178]) — o Dr. Kalley esforçou-se por corrigir a confusão teológica em relação ao *conceito de igreja* que os darbistas estavam criando na jovem comunidade do Rio.

Com o seguinte parágrafo concluiu ele uma exposição doutrinal, subordinada ao tema da comunhão aberta a todos os «crentes em Cristo»:

«Deveis compreender agora porque eu não desejava trazer estes assuntos à baila na imprensa. É muito melhor que nem a Igreja nem o mundo perca tempo a discutir estas coisas. Sòmente quando alguém apresente um erro que exija uma defesa da verdade, eu acho justificado o tempo gasto a escrever sobre o assunto. Oro para que o Senhor abençoe o que aqui escrevo e guarde do erro e falsidade o seu pequeno rebanho no Rio de Janeiro» ([179]).

É digno de menção que o Dr. Kalley também desejou manter relações com o clero da Igreja Católica Romana. Era este o seu propósito, mesmo na Madeira, onde, até 1842, foi médico e amigo do Bispo do Funchal. Aceitava de bom grado todas as oportunidades de conversar e conviver com padres católicos romanos e, por várias vezes, teve o prazer de manter com eles conversações amigáveis e discussões teológicas. Um caso desta natureza é a sua amizade com o erudito Padre Moniz, no Rio de Janeiro. Trocavam visitas frequentemente e discutiam livremente em toda a extensão temas como «a luz interior da experiência religiosa» ([180]). Em geral, a atitude do Dr. Kalley com representantes da Igreja dominante no Estado era irénica ou polémica, conforme as circunstâncias o exigissem.

Os preceitos de conduta cristã que o Dr. Kalley recomendava eram: viver vida simples, evitar dívidas, empenhar-se cada um por uma mais alta educação, testemunhar a toda a hora, e nutrir interesse contìnuamente activo pelos pobres e analfabetos. Sua grande ênfase se assentava sobre um testemunho vivo de Cristo, como vem revelado nas Escrituras. Em relação à liturgia e governo da Igreja, não era muito meticuloso. Ele não requeria, por exemplo, o rebaptismo dos novos convertidos vindos da Igreja Católica Romana, preferindo deixar a decisão à consciência de cada um, a despeito do facto de a Junta Congregacional da Igreja Evangélica Fluminense, em harmonia com a orientação doutrinal dada pelo Dr. Kalley, afirmar que o baptismo só deve ser administrado rectamente àqueles que o peçam e professem arrependimento diante Deus e fé em Jesus Cristo ([181]). O Rev. James Fanstone afirma que o Dr. Kalley, que permaneceu ministro prebisteriano até à sua morte, duvidava da realidade do seu próprio baptismo e, perto do fim da sua vida, considerou sèriamente a questão e submeteu-se ao baptismo de imersão ([182]). Se isto for verdade, representa uma mudança muito significativa na sua posição inicial em relação à imersão ([183]).

Durante o seu ministério no Brasil, o Dr. Kalley contestou o pedobaptismo e o confessionalismo. Contudo, antes de regressar à sua terra natal, deixou nas Igrejas Congregacionais do Brasil um

símbolo de fé que encerra padrões de doutrina aceites pelas igrejas da tradição Reformada, sem entretanto, se envolverem em afirmações de natureza controversa. Poucos homens são dotados com tanto talento, com tanto força de carácter e singeleza de propósitos, com tão atraente personalidade e com tamanha capacidade de servir aos outros gratuitamente, como Robert Reid Kalley. Menos ainda são capazes de realizar um trabalho de tão persistente qualidade através de limitações tão grandes de espaço e tempo. O Apóstolo da Madeira exerceu um apostolado de vastíssimas proporções e sobre uma área maior do que os limites duma diocese insular. As fronteiras da sua província de testemunho e serviço cristão não foram determinadas pela geografia, mas estendiam-se necessàriaente até onde coincidissem com aqueles lugares, onde o português fosse a língua falada. Quão grande é a dívida espiritual que têm para com esse homem, todas as pessoas de língua lusitana. Gerações sucessivas de evangélicos de língua portuguesa, guardam na lembrança este moderno Abraão que obedeceu e «saiu sem saber para onde ia», e que, como pioneiro escolhido por Deus, estabeleceu entre eles os marcos da fé à medida que Ele lhe abria o caminho.

APÊNDICE I

A SENTENÇA DA EXCOMUNHÃO

APÊNDICE I

A SENTENÇA DA EXCOMUNHÃO

Em 1843, Francisco Pires Soares e Nicolau Tolentino Vieira renunciaram à Igreja Romana e foram recebidos em profissão de fé, à Comunhão da Igreja Presbiteriana de Funchal. Logo depois, a seguinte sentença de excomunhão foi proferida contra eles, e cópias da mesma foram afixadas à porta de todas as Igrejas da Madeira:

«Sebastião Cazemiro Medinna Vasconcellos, dirigente do coro da Catedral, e examinador do Sínodo, Vigário-Geral na Diocese de Funchal, na Ilha da Madeira, ao excelentíssimo Senhor Reverendo Dom Januário Vicente Camacho, membro do Conselho de Sua Majestade a Rainha, Deão da Catedral de Funchal, Comandante da Ordem de Cristo, Bispo-eleito de Castelo Branco, Governador provisório e Vigário-Geral do Bispo do Funchal, Porto Santo e Arguinot.

A todos os reverendos vigários e curas, auxiliares e capelães, bem como a todos os juízes de

paz, aos delegados do secretário de Justiça, aos administradores dos Concelhos e a todos os oficiais de Justiça, a todos os eclesiásticos e leigos, de qualquer grau ou condição, em todo o bispado e fora dele, a quem esta carta alcançar, a todos que a ouvirem ou dela tiverem conhecimento, paz e saúde em Jesus Cristo, Nosso Senhor, o qual é o verdadeiro remédio e salvação para todos. Faço-vos saber que, tendo procedido a cuidadoso exame de testemunhas, como me compete fazer, provou-se por elas, o que se confirma pela minha sentença, que Francisco Pires Soares, casado, e Nicolau Tolentino Vieira, solteiro, ambos desta diocese e residentes nas proximidades da Igreja da Paróquia de Santa Luzia, apostataram da união e seio da Santa Madre Igreja Católica Romana e se tornaram adeptos da seita e comunhão Presbiteriana, incorrendo por isso mesmo à censura eclesiástica e ao castigo canónico de excomunhão maior. Devendo ser aprovadas as censuras, determinei que esta carta fosse escrita, pela qual exijo e ordeno, sob pena de excomunhão maior, a todos eclesiásticos, ministros e oficiais de justiça, e a todos os demais anteriormente citados, que tão logo tenham dela ciência, não toquem ou tenham comunhão com aqueles que são excomungados pela maldição de Deus, Todo-Poderoso, e dos bem-aventurados S. Pedro e S. Paulo, estando eles sob a mesma maldição de Sodoma e de Gomorra, de Dathan e Abiram, os quais a terra engoliu vivos, por causa

do seu grande pecado de desobediência. Que ninguém lhes dê fogo, água, pão ou qualquer outra coisa que venham a precisar para a sua subsistência. Que ninguém lhes pague qualquer dívida; que ninguém os socorra ou auxilie em qualquer cousa que porventura tragam a juízo. Que todos os coloquem à parte como membros maus e excomungados, separados do seio e união da Santa Madre Igreja Católica, como rebeldes, e porque se alguém fizer o contrário do que aqui se ordena, o que Deus tal não permita, eu imporei, como imposto tenho, que considero sobre os tais, a penalidade de excomunhão maior. Sejam portanto seus nomes e sobrenomes expressamente declarados, e, para que todos o saibam, eu determinei ao Rev. padre da paróquia dar publicidade a esta carta nas reuniões do primeiro sábado e dia santo, e a afixá-la à porta da Igreja, de onde ninguém a tirará nem a rasgará, sob pena de excomunhão, até que, prestando satisfação completa, possam merecer os benefícios de absolvição.

Passado em Funchal, sob Selo do Vigário-Geral e com minha assinatura, a 27 de Abril de 1843. Jacinto Monteiro Cabral, Secretário do Conselho Eclesiástico, o escreveu.

Sebastião Cazemiro Medina e Vas»

APÊNDICE II

NOTAS SOBRE AS IGREJAS PORTUGUESAS ORGANIZADAS NO ESTADO DE ILLINOIS

APÊNDICE II

NOTAS SOBRE AS IGREJAS PORTUGUESAS ORGANIZADAS NO ESTADO DE ILLINOIS

IGREJAS DE SPRINGFIELD

A PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA PORTUGUESA 1849-1908

Originàriamente organizada como uma Igreja Presbiteriana Independente, foi fundada em 1849 por imigrantes portugueses que fugiram à perseguição religiosa na Ilha da Madeira. Em 23 de Agosto de 1855, a Congregação passou a ser parte da Igreja Livre da Escócia. Veio mais tarde, a 4 de Abril de 1856, a ser recebida pelo Presbitério de Springfield, do Sínodo de Illinois. Em 1897 essa Igreja se uniu à Segunda Igreja Presbiteriana, a fim de formar a Igreja Presbiteriana Portuguesa. Em 1908, mudou-se o nome para Quarta Igreja Presbiteriana, que é o que ainda hoje prevalece.

O primeiro Consistório era constituído pelos presbíteros: João Gouveia, João de Freitas, J. Correia e João de Ornellas.

Os primeiros três pastores da Igreja foram os Reverendos António de Matos (1851-1855), Robert Lennington (1862-1867) e Hugo W. McKee (1872-1877).

A SEGUNDA IGREJA PRESBITERIANA PORTUGUESA 1858-1897

A participação dos presbiterianos portugueses na controvérsia chamada «Velha Escola» e «Nova Escola», determinou o rompimento dos adeptos da «Velha Escola», os quais vieram a formar a segunda Igreja Presbiteriana Portuguesa, o que se deu em Maio de 1858.

O primeiro Consistório era constituído pelos presbíteros José Rodrigues, Manuel Fernandes e António José Correia. Os três primeiros pastores foram os Reverendos António de Matos (1858-1862), Hugo W. McKee (1870-1872) e Henrique Vieira (1872-1877).

EM JACKSONVILLE

PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA PORTUGUESA 1849-1887

Originàriamente também uma congregação Presbiteriana Independente, foi fundada por imigrantes da Madeira que se estabeleceram em Jacksonville, 1849, por ocasião do 25.° aniversário

da fundação da cidade. Esta congregação reuniu-se nos edifícios da Igreja Baptista até 1853, quando se transferiu para as suas próprias instalações, acabadas de construir. A Igreja estava sob o cuidado da Igreja Livre da Escócia. Em 4 de Abril de 1856 passou a fazer parte do Presbitério de Springfield, no Sínodo de Illinois.

A Igreja tinha os seguintes presbíteros: João C. Vasconcelos, Domingos de Castro e João Jacinto de Meneses. Os três primeiros pastores dessa igreja foram os Reverendos António de Matos (1850-1868), Hugo W. McKee (1870-1872) e Henrique Vieira (1872-1877).

A SEGUNDA IGREJA PRESBITERIANA PORTUGUESA 1855-1900

A questão «Escola Velha» e «Escola Nova» afectou também a comunidade portuguesa de Jacksonville. A Segunda Igreja Presbiteriana, tendo adoptado a posição da «Escola Velha», organizou-se em Maio de 1855, sob os cuidados pastorais do Rev. Robert Lennington.

O primeiro Consistório era constituído pelos presbíteros João Jacinto de Meneses, Manuel de Melino, Manuel Andrade, José de Meneses e Emanuel N. Pires. Os primeiros três pastores que serviram à Igreja foram os Reverendos Roberto Lennington (1862-1867), Emanuel N. Pires (1870-1877) e Charles B. Barton (1866-1900).

A IGREJA PRESBITERIANA PORTUGUESA CENTRAL 1876-1887

A maioria dos membros da segunda Igreja Presbiteriana Portuguesa não estavam satisfeitos com o Rev. Emanuel N. Pires e, em 1875, separou-se do outro grupo e reclamou direito de propriedade sobre os edifícios. Depois de ouvir o caso, o presbitério de Springfield concedeu direitos de propriedade à facção minoritária. Os demais desocuparam a Igreja em 1876 e organizaram a Igreja Presbiteriana Portuguesa Central, em 27 de Setembro de 1882.

A IGREJA PRESBITERIANA PORTUGUESA UNIDA:

A 27 de Fevereiro de 1887, a Primeira Igreja Presbiteriana de Jacksonville se uniu com a Igreja Presbiteriana Portuguesa Central para constituir a Igreja Presbiteriana Portuguesa Unida.

O 1.º Consistório era composto dos presbíteros António Vieira, José Correia e João Dias.

A Igreja Presbiteriana Portuguesa Unida e a 2.ª Igreja Presbiteriana Portuguesa se uniram para que se pudesse organizar o Presbitério Português de Jacksonville, a 21 de Outubro de 1900. Actualmente esta igreja se denomina Igreja Presbiteriana de Northminster.

APÊNDICE III

APÊNDICE III

Carta do Dr. Kalley ao secretário da Sociedade Missionária de Londres.

Funchal, 1 de Fevereiro de 1839

Rev. John Arundel
Casa da Missão, Rua Blomfield
Finsbury, Londres

Certo de que o serviço de Jesus Cristo, o Salvador dos pecadores e o Senhor de toda a glória, é o mais nobre e o mais ideal para o homem na terra, bem como o mais útil para a nossa raça, e crendo que Deus, em sua Providência parece indicar este sítio como o lugar de minha residência, por tempo mais ou menos considerável, procuro descobrir como posso servir melhor aqui, os interesses de Seu Reino.

A situação de pobreza e ignorância, com todo o seu cortejo de grosseiras superstições, é verdadeiramente impressionante. Dos três serviçais de

minha casa, um homem, uma mulher e um rapaz, que nos servem desde há cerca de três meses, apenas um conhece as primeiras letras e quando lhes perguntei se sabiam o nome do primeiro homem e da primeira mulher, responderam: Manuel e Maria. Os nomes dos santos do Velho Testamento eram completamente desconhecidos, e de Cristo só sabiam que nasceu, que foi circuncidado e crucificado. A história da queda e do dilúvio eram completamente novas para eles, e suas ideias de Deus, eram pouco mais do que a que lhes davam as imagens perante as quais estavam acostumados a inclinar-se. E, todavia, com toda esta ignorância, acredito que estejam ainda bem acima da média de sua própria gente, pois dois deles têm estado a serviço de famílias inglesas por certo tempo e um deles até fala inglês razoàvelmente.

Como ilustração do estado de superstição em que se encontram, menciono o que ocorreu no dia 1.° do ano. Ao passar por uma choupana pobre, no campo, notámos, pela porta aberta, que havia um estranho ar de festa no seu interior. Havia uma espécie de pequenina cama, coberta de ramos e de flores colocados em arco e, sobre a mesma, laranjas e frutas de várias espécies. Quando a mulher notou o nosso interesse, convidou-nos a entrar. Perguntei-lhe então o que era aquilo; ela se persignou e assumindo um aspecto de profunda reverência, disse: é o menino Jesus. Então entrámos e vimos no centro de

uma pequena plataforma, três bonecas, caricaturas horrendas de seres humanos; uma delas, que estava envolta em uns pedaços de rede, e que tinha ao redor da cabeça umas aparas de estanho como a representar raios de um halo, foi indicada como sendo Jesus. Como se sentiria o amigo, assim eu também me senti ao ver tão grave insulto feito ao Senhor da Glória. Diante daquela figura, a mulher cruzou os braços sobre o peito e inclinou-se; depois voltou-se para nos assegurar que, de facto, aquele era «o Bom Jesus». Respondi-lhe que aquela era uma figura hedionda, imprópria até para representar o homem, como então poderia ela representar o Deus Homem em toda a Sua glória?! Mostrei-lhe que aquela não podia ser a imagem verdadeira, porque representava como menor ainda do que o homem, aquele que era, ao mesmo tempo, Deus e Homem. Li depois algumas passagens da Escritura para mostrar que o corpo de Jesus está nos céus e que a Lei de Deus proibe adorar imagens de tudo que está no céu. Sua expressão era a de grande pena pelos infelizes hereges que nós éramos.

A situação dos mais ricos não é também muito melhor. Embora muitos dentre eles saibam ler, muito poucos sabem alguma coisa da Palavra de Deus, e o cepticismo religioso entre esses, ocupa o lugar da superstição que há entre as classes pobres. Tenho uma classe onde está matriculado um número considerável de filhos daqueles que têm casas a alugar para os ingleses. Ao ler-

-lhes Mateus 26:31, etc., perguntei a um deles a quem se referiam as palavras «Filho do Homem». Sendo um rapaz de cerca de 20 anos, razoàvelmente esperto, ficou todavia completamente embaraçado com a pergunta, mas, por instigação de um companheiro respondeu: Deus. Perguntei-lhe então, como podia Deus ser o Filho do homem? Após algum tempo de reflexão, tornou a responder: anjos. Porém, quando confrontado com a mesma objecção, respondeu, já agora com bastante hesitação: Jesus Cristo, talvez. Respeito a qualquer coisa que se relacione com a religião, e até mesmo o respeito pelos seus sacerdotes e pelo papa, parecem ter desaparecido por completo, e, ouço que muitos dos autores cépticos franceses estão nas mãos daqueles que acham que religião é ainda um assunto digno de leitura.

Considerando a tremenda ignorância e a situação miserável destas almas imortais, sinto ser de meu dever aprender sua língua, e já posso dirigir algumas classes para sua instrução. Tenho 50 estudantes e poderia fàcilmente ter muitos mais, se tivesse lugar e livros para oferecer-lhes. O que os induz a procurar-me é o desejo que têm de aprender inglês, que é sempre de grande utilidade para pessoas de qualquer posição social aqui na Ilha.

Desejo ensinar-lhes tudo o que eu possa e que seja bom para elevá-los à posição de seres verdadeiramente inteligentes, mas acima de tudo, desejo ensinar-lhes as coisas que dizem respeito

ao seu bem-estar eterno. Sobre assunto de religião, tenho até agora podido dizer muito pouco, visto que eles ainda parecem estar cheios de suspeitas e de receios de heresia, e eu temo perdê-los. Parece- me entretanto que estou a ganhar-lhes a confiança e espero logo poder falar-lhes mais livremente.

A situação de nossos patrícios aqui é igualmente muito lamentável, e é exactamente sobre isto que desejo escrever-lhe. Presentemente temos pregação aos domingos, feita pelo ministro da Igreja Evangélica Independente da Escócia que veio com um amigo, e temos também uma reunião de oração às quintas-feiras dirigida por um excelente ministro da Igreja Episcopal e por um estudante da Igreja Presbiteriana, mas, dentro de um ou dois meses regressarão, possìvelmente, ao seu país, e então o único serviço será o do pastor episcopal, Sr. Lowe, que reside aqui, e cuja posição teológica é a do grupo herético do tratado de Oxford.

Nesta emergência, penso ser de meu dever, ainda que pouco possa fazer, contribuir para levantar aqui o pendão da verdade. De boa vontade farei isto, logo após à saída do Sr. Barry (nosso amigo independente), visto que não considero como essencial, licença para pregar conferida por qualquer organização. Sendo a mensagem de Deus e não de homens, insisto em que a única licença que se requer é a licença que vem de Deus, na Sua Palavra, e quanto a essa tenho

pouca hesitação. As preocupações com a alta igreja são extremamente elevadas aqui, e a pregação de um leigo seria quase um ultrage tão grande a ponto de arruinar por completo a possibilidade de ser útil, já no seu próprio início. E como seria de todo desejável ter-se aqui uma igreja regularmente organizada, eu estou pronto a retornar à Inglaterra, para ser formalmente separado para este propósito — se eu pudesse ser ordenado — e depois voltar para continuar a trabalhar neste lugar. Estou mais desejoso de assim proceder, porque, como creio, não parece haver a mínima possibilidade de levantar-se aqui a importância necessária para o sustento de um ministro do Evangelho. Isto torna ainda mais urgente a necessidade de alguém, a quem Deus tem dado uma certa independência, para trabalhar neste campo.

Meu objectivo seria agir como um embaixador de Cristo perante nossos patrícios aos domingos e abrir um caminho entre os portugueses, para instruí-los durante a semana.

Quanto à Igreja da qual espero minha ordenação, considero o nome como de pouca importância, desde que sejam pastores cristãos, que sustentem a verdade pura do Evangelho, e estejam prontos a separar-me para pregar a Cristo e este crucificado, e deixar-me em liberdade para seguir, em questões de menor monta, o que me pareça ser a orientação de Deus. Quanto à minha posição em relação às grandes doutrinas da Escri-

tura, peço-lhe que se reporte às minhas respostas anteriormente dadas aos quesitos propostos por essa Sociedade.

Pedir-lhe-ia que me respondesse com a máxima urgência possível. Nossos dois barcos de carreira partirão possìvelmente daqui em Abril e, se for para eu ir à Inglaterra, seria talvez melhor que eu fizesse reserva em um deles.

Os barcos partem da Inglaterra para a Madeira às sextas-feiras, depois da primeira terça-feira de cada mês. Poderia V. Ex.ª apresentar esta carta (em que me ofereço como um agente da Sociedade Missionária de Londres sob Jesus Cristo o Cabeça da Igreja) aos srs. directores, e, se eles consideram este lugar, de alguma forma fora da esfera de trabalho dessa Sociedade, queira entregá-la ao secretário da Sociedade Continental, e, por favor, envie-me algumas linhas pelo barco de Abril sobre o que tenha ocorrido.

E que Deus abençoe a cada um de vós bem como à Sociedade para a difusão das Boas Novas da Salvação, e que Ele acompanhe os trabalhos de todos e de cada um com a influência vitalizadora do Espírito Santo.

Sinceramente

Robert R. Kalley — M. D.

APÊNDICE IV

APÊNDICE IV

Carta circular enviada por ocasião da prisão do Dr. Kalley.

Enviada pelo Rev. Robert Walter Stewart, secretário da Junta de Missões da Igreja Livre da Escócia.

A comissão do bi-centenário deseja chamar a atenção das várias denominações religiosas que ela representa, e de todo o público cristão em geral, para os sofrimentos de nosso amado irmão, Dr. Kalley, agora preso por causa do Evangelho, na Ilha da Madeira.

Essa Ilha pertencente a Portugal tem cerca de 115 000 habitantes, mergulhados nas trevas das superstições papistas. Dr. Kalley, escocês de nascimento, residente naquela ilha há já cerca de 5 anos, servindo como médico-missionário, embora não financeiramente ligado a nenhuma sociedade missionária, visto que depende inteiramente de seus próprios recursos. Como médico, ele tem

sido incansável em atender as classes pobres e em ministrar-lhes medicamentos, e centenas de pessoas enfermas bendizem o seu nome e o aclamam como seu benfeitor. Como portador do Pão da Vida, ele tem já distribuído alguns milhares de cópias do Velho e do Novo Testamentos, estabelecido escolas, através das quais mais de 800 pessoas aprenderam a ler. E, em trabalhos directos de evangelização, ele tem exposto a Palavra de Deus em língua Portuguesa, diàriamente e todos os domingos a centenas e às vezes até a milhares, com infatigável diligência, fidelidade e amor. Tudo isto tem sido feito com sabedoria e humildade. A exposição da Palavra tem sido conduzida de acordo com seu próprio critério, e num espírito muito conciliatório, sem que nela se pudesse encontrar qualquer coisa que pudesse ofender ou irritar, senão até onde o Cristo crucificado se faz, Ele mesmo, uma pedra de tropeço e de ofensa. Tão extraordinários têm sido todavia seus serviços e tão católico o seu espírito, que as autoridades civis do Funchal em certa ocasião lhe conferiram um voto de público agradecimento.

Mas, pela graça de Deus e pelo poder do Espírito, a Palavra não tem ficado sem resultados práticos. As Escrituras são lidas com grande interesse e o Evangelho da Salvação é ouvido com alegria; o progresso da verdade não pode ser nem impedido nem dissimulado; suas queridas imagens são lançadas fora; a confissão auricular feita ao sacerdote vai pouco a pouco sendo abandonada,

e, o climax da ofensa sobreveio, quando três novos convertidos pediram admissão numa das igrejas inglesas, de fé protestante.

A consequência foi que, depois de muitas ameaças do governo local, Dr. Kalley foi recolhido e preso em cárcere comum, no último mês de Julho, o que veio a ser apenas o começo de um período dos mais angustiantes sobressaltos, naquele ano. As últimas notícias diziam que ele ainda continuava a sofrer esse doloroso confinamento e que estava a recuperar-se vagarosamente de um ataque de febre; assim sendo, este devotado missionário está, já há quatro meses, a sofrer prisão como se fosse um criminoso, acusado todavia, apenas do crime de pregar a Palavra de Deus, da maneira a que eles chamam heresia. Enquanto obedecendo ao comando de Nosso Salvador, de pregar o Evangelho a toda a criatura, ele se esforçava para evitar qualquer transgressão das leis do país, e quando acusado de muita transgressão, ele não abriu mão de seu julgamento legal, mas ao contrário, muito o desejou. Ele, entretanto, queixava-se de que todo o curso dos eventos desencadeados contra ele e a sua prisão sem fiança tinham sido elegais e opressivos, além de serem uma violação dos direitos de súdito britânico, garantidos por tratado. E a justiça dessa sua reclamação foi pràticamente reconhecida pelo governo britânico, que exigiu do governo local sua libertação imediata, mediante fiança, e um julgamento limpo. Apesar de tudo isso, ele continua ainda preso,

sofrendo toda sorte de vexame, e ainda mais, sujeito ao curso do mais arbitrário, vexatório e opressivo tratamento.

Portanto, em favor deste preso de Jesus Cristo, a Junta pede com grande empenho, a todos os irmãos ministros que esposem como se fora sua própria, a causa de nosso amado sofredor irmão, a orar por ele em todas as suas congregações, lembrando aqueles que estão em prisão como se estivessem presos com ele e a empregar todos os meios possíveis para influenciar o governo a reclamar sua imediata soltura. E exortam os membros da comunidade cristã a cooperar com seus pastores neste santo esforço, e a lembrar este servo sofredor do Senhor em suas devoções pessoais e familiares, carregando seu caso como se fora uma carga para seus próprios corações, até que ele seja libertado. Estes pedidos contudo, eles os fazem, não pròpriamente por causa dele apenas, mas na esperança de que o poço de águas vivas que irrompeu fresco e cristalino no deserto, não seja repentinamente fechado e destruido, mas possa continuar a correr livremente até que se faça um poderoso rio, e esta ilha exteriormente bela e sorridente, mas moralmente desolada e fria, se transforme num jardim de almas.

5 de Dezembro de 1843.

NOTAS

NOTAS

(1) Kenneth Scott Latourette, *A History of the Expansion of Christianity,* vol. 4, New York, 1941, pp. 458, 459.

(2) *Id.,* vol. 6 (1944), p. 9.

(3) João Gomes da Rocha, *Lembranças do Passado,* vol. 3, Rio de Janeiro, 1946, p. 90. Dr. Rocha, filho adoptivo do Dr. e Mrs. Kalley, formou-se em medicina pela Universidade de Edimburgo e fez-se eminente médico e dedicado cristão na cidade do Rio de Janeiro. Dr. Gomes da Rocha possuia notas, jornais, sermões e correspondência do Dr. Kalley e da sua esposa. Publicou todo este material nessa série de três volumes.

(4) John T. Tucker, *Heróis da Cruz,* Lisboa, 1957, p. 29.

(5) Rocha, *op. cit.,* vol. 3, p. 91.

(6) Eduardo Moreira, *Vidas Convergentes,* Lisboa, 1958, p. 152.

(7) *Id.,* p. 152.

(8) Rocha, *op. cit.,* vol. 3, p. 93.

(9) *Id.,* vol. 3, p. 94.

(10) *Id.,* vol. 3, p. 92.

(11) *Actas da Assembleia Geral da Igreja Livre da Escócia, Edimburgo,* 1845, p. 9.

(12) James Purves, An Island Story; The Scots in Madeira, Edimburgh, n. d. p. 13.

(13) *Id.,* p. 12.

([14]) *Actas da Comissão de Exame da Sociedade Missionária de Londres,* a 25 de Março de 1839. «Foi lida a carta do Sr. Dr. R. R. Kalley, M. D., datada de Funchal, 1 de Fevereiro de 1839, na qual oferece seus serviços como agente desta Sociedade, para trabalhar na Madeira, caso os Srs. Directores considerem aquele lugar dentro da esfera de operação da Sociedade; requerendo ainda seja ele ordenado como pregador do Evangelho, tanto aos seus próprios patrícios ali residentes, bem como aos portugueses — (carta passada às mãos desta comissão pela Junta Directora) — Resolveu-se: Recomendar à Junta Directora que, de acordo com o parecer desta Comissão, visto que a Madeira não está dentro da esfera de trabalho desta Sociedade, declina-se aceitar seu oferecimento. Ficou decidido também que como vários membros da Comissão de Exame estão prontos, no exercício de suas capacidades individuais, a ordenar Dr. Kalley, como pregador do Evangelho de Cristo, que esta comunicação lhe seja imediatamente feita a fim de que ele possa vir a Londres para o fim proposto.

([15]) *Id.* — Livro 7, p. 360 — 8 de Janeiro de 1838.

([16]) *A Christian Remembrancer* n.º 26, MDCCC, XLVI, Londres, p. 114.

([17]) *Rocha — op. cit.*, vol. I, p. 116.

([18]) *Actas da Assembleia Geral da Igreja Livre da Escócia,* Edimburgo, 1845, p. 10.

([19]) Della Dimitt, *A Story of Madeira,* Cincinnati, 1896, p. 19.

([20]) Eduardo Moreira, *The Significance of Portugal; A Survey of the Religious Situation,* London, 1933, p. 16. Até 1930, o índice de analfabetismo nas ilhas adjacentes — Madeira e Açores — era de 77 %.

(21) A. Drummond Patterson, *Chronicles of a Struggle, Edinburgh,* 1894, p. 7.

(22) Dimitt, *op. cit.*, p. 2.

(23) *Actas da Assembleia Geral da Igreja Livre da Escócia,* 1845, p. 11.

(24) Robert Reid Kalley, *Notes,* Beyroot, 1851, entrada sob a data de 15 de Janeiro.

(25) *Actas da Assembleia Geral da Igreja Livre da Escócia,* 1845, p. 12.

(26) Moreira, *Vidas Convergentes,* pp. 170, 171. Cit. do *Livro 3.º da Contadoria,* n.º 2213, Arquivo do Ministério do Reino.

(27) Rocha, *op. cit.*, vol. 3, p. 61.

(28) Sara P. Kalley, *O Verdadeiro Christo; E Outros Trechos das Cartas do Doutor Roberto Reid Kalley,* Edimburgo, 1888, pp. 11, etc. Este pequeno volume, publicado pòstumamente, editado por Mrs. Kalley sob o título *Uma Lembraça* contém também o trabalho do Dr. Kalley *O Verdadeiro Christo,* e trechos de sermões, notas e cartas.

(29) Moreira, *Vidas Convergentes,* p. 158.

(30) *Id.*, p. 159. As primeiras edições destes folhetos e de vários outros foram oferecidas pelo prof. Eduardo Moreira à Biblioteca do Seminário Teológico Presbiteriano, em Carcavelos, Portugal.

(31) João Fernandes Dagama, *Perseguição dos Calvinistas da Madeira,* São João do Rio Claro, Brasil, 1896, p. 9. O rev. João Fernandes Dagama asistiu à perseguição dos calvinistas na Madeira. Ele mesmo fugiu com sua família para Trindade e mais tarde emigrou para Springfield, Illinois. Fez-se ministro mais tarde, da Igreja Presbiteriana do Brasil, onde chegou em Outubro de 1870. Júlio Andrade Ferreira em sua *História da Igreja Presbiteriana do Brasil* faz várias referências elogiosas ao rev. Dagama.

(32) «Mandei fazer um barquinho,
Das tábuas de pau de aderno,
Para acartar calvinistas
Para as caldeiras do inferno.»

(33) Kalley, *Uma Exposição de Factos,* Lisboa, 1875.

(34) *Actas da Assembleia Geral da Igreja Livre da Escócia, Edimburgo,* 1845, pp. 10-11. Naquela reunião de Inverness, Dr. Kalley falou à Assembleia Geral da Igreja Livre da Escócia, e usando notas prèviamente preparadas, deu informações sobre os incidentes ocorridos na Madeira.

(35) *Id.,* p. 11.

(36) *Id.,* p. 13.

(37) *Id.,* p. 13.

(38) *Id.,* p. 13.

(39) *Id.,* p. 11.

(40) An English Resident — *Narrative of Circunstances connected with the Confinement of Dr. Robert Kalley, now a prisoner in the gaol at Madeira,* London 1844. Publicado por J. Hatchard & Son.

(41) Ver o apêndice II.

(42) *Livro de Actas da Assembleia Geral da Igreja Livre da Escócia,* 2 de Fevereiro de 1844.

(43) W. Carus Wilson, *The Madeira Persecutions,* London, 1853, p. 13. O Rev. W. Wilson usou, como uma de suas fontes, *Madeira em 1846,* de Roddam Tate. Um esforço infrutífero foi feito para localizar um exemplar de J. Roddam Tate que, por ocasião dos eventos ocorridos em 1846, residia na Madeira.

(44) *Id.,* p. 14.

(45) Padre António Pereira de Figueiredo, *A Santa Bíblia; Contendo o Velho e Novo Testamento,* Londres, 1828. Esta edição foi traduzida para o português da Vulgata Latina.

(46) Wilson, *op. cit.,* p. 14.

(47) O periódico *O Angrense,* publicado em Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, com data de 8 de Dezembro de 1842.

(48) Livro 3.º da Contadoria, N.º 2213, arquivo do Ministério do Reino, Portaria de 17 de Novembro de 1842.

(49) Veja apêndice 1.º

(50) Dagama, *op. cit.,* p. 25.

(51) John Baillie, *Memoir of the Rev. W. H. Hewitson,* London, 1851, p. 132.

(52) Moreira, *Vidas Convergentes,* p. 162.

(53) Wilson, *op. cit.,* p. 17.

(54) Baillie, *op. cit.,* p. 126.

(55) *Id.,* p. 131. Dr. Kalley registou isto em suas *Notas:* «encontrei o Rev. Hewitson pela primeira vez em Lisboa. Ele tinha sido, sem meu conhecimento, indicado na Escócia, pouco antes para trabalhar na Madeira. Voltou comigo para a Ilha e iniciou com muito zelo e amor o trabalho para o qual Deus tão graciosa e extraordinàriamente o havia aparelhado. Sua presença veio realmente a ser providencial. Que o Senhor da seara envie muitos trabalhadores como este para a Sua seara».

(56) Wilson, *op. cit.,* p. 26.

(57) Carta dirigida ao Rev. John Sym, convocador da Junta Colonial da Igreja Livre da Escócia, datada de Funchal, 27 de Março de 1845.

(58) Baillie, *op. cit.,* pp. 9-10.

(59) *Id.,* pp. 32-33.

(60) *Id.,* p. 36.

(61) *Id.,* p. 45.

(62) *Id.,* pp. 53, etc.

(63) Carta escrita na hospedaria de Mrs. Lawrence, à Rua Nova de S. Francisco de Paula, n.º 39, Buenos Aires, Lisboa. A carta foi dirigida a um amigo em Edimburgo, William Dickson, e datada de 7 de Dezembro de 1884.

(64) Carta dirigida ao Rev. John Sym convocador da Junta Colonial da Igreja Livre da Escócia, datada de Funchal, 25 de Março de 1845.
(65) Baillie, *op. cit.*, p. 134.
(66) *Id.* p. 141.
(67) *Id.*, p. 141.
(68) Dagama, *op. cit.*, pp. 38-39.
(69) Purves, *op. cit.*, p. 17.
(70) Relatório anual da Junta Colonial à Assembleia Geral da Igreja Livre da Escócia pelo seu convocador, rev. Andrew Bonar, D. D. em Maio de 1850. *Actas da Assembleia Geral da Igreja Livre da Escócia,* Edimburgo, 1850, p. 34.
(71) Baillie, *op. cit.*, p. 127.
(72) Wilson, *op. cit.*, pp. 18-19.
(73) *Id.*, p. 18.
(74) Carta ao secretário da Junta Colonial, James Balfour, datada de Funchal, 17 de Dezembro de 1845.
(75) Wilson, *op. cit.*, pp. 47-48. A pedido do Bispo de Funchal, a série de artigos com falsas e abusivas acusações contra o Dr. Kalley e os calvinistas, que apareceu no periódico *O Imparcial,* foi coleccionado e publicado sob extenso título na *Revista Histórica do Proselitismo Anti-Católico, exercido na Ilha da Madeira pelo Dr. Roberto Reid Kalley,* médico escocês, desde 1838, até hoje, por um madeirense, 1845. Uma cópia deste livreto se encontra na biblioteca do Seminário Teológico Presbiteriano de Carcavelos, Portugal.
(76) Wilson, *op. cit.*, p. 19.
(77) *Id.*, p. 19.
(78) Dagama, *op. cit.*, p. 53.
(79) *Id.*, pp. 57, etc.
(80) *Id.*, p. 65. Também, Wilson, *op. cit.*, p. 89.
(81) Wilson, *op. cit.*, p. 91.
(82) Dagama, *op. cit.*, p. 90.

(83) Wilson, *op. cit.*, p. 91.
(84) *Id.*, p. 96.
(85) Tucker, *op. cit.*, p. 31.
(86) *Actos dos Apóstolos*, 16:25.
(87) Moreira, *Vidas Convergentes*, p. 165.
(88) Wilson, *op. cit.*, pp. 94-95.
(89) Purves, *op. cit.*, p. 18.
(90) Moreira, *Vidas Convergentes*, pp. 164, etc.
(91) Carta do Rev. W. H. Hewitson ao Rev. James Dodds, Edimburgo, datada de Glasglow, 17 de Setembro de 1846.
(92) Dimitt, *op. cit.*, pp. 38-39.
(93) Dagama, *op. cit.*, pp. 106, etc.
(94) Wilson, *op. cit.*, p. 98.
(95) Moreira, *The Significance of Portugal*, p. 27.
(96) Walter H. DeShara, *Historical Sketch: Northminiter Church Centennial, 1850-1950*, Jacksonville, Illinois, 1950. O autor deste manuscrito é descendente dos exilados madeirenses. É também professor de História no Colégio Illinois de Jacksonville, Illinois.
(97) Dagama, *op. cit.*, p. 122.
(98) *Id.*, p. 126.
(99) Baillie, *op. cit.*, p. 202.
(100) *Id.*, p. 204.
(101) Wilson, *op. cit.*, p. 138.
(102) *Id.*, p. 147.
(103) Carta ao Rev. A. A. Bonar, Edimburgo, datada de Trindade, 17 de Março de 1847.
(104) Carta a seus pais, datada de Trindade, 31 de Março de 1847.
(105) Baillie, *op. cit.*, p. 215.
(106) *Id.*, p. 215.
(107) Dagama, *op. cit.*, p. 156.
(108) Wilson, *op. cit.*, p. 154
(109) Tucker, *op. cit.*, p. 32.
(110) Dagama, *op. cit.*, p. 129.

([111]) *Id.*, p. 135.
([112]) Purves, *op. cit.*, p. 40.
([113]) DeShara, *op. cit.*, p. 4.
([114]) *Id.*, p. 4.
([115]) Dagama, *op. cit.*, p. 141.
([116]) Veja apêndice n.º 2.
([117]) *Idem.*
([118]) Moreira, *Vidas Convergentes*, p. 167.
([119]) Dagama, *op. cit.*, p. 177.
([120]) *Id.*, p. 178.
([121]) Purves, *op. cit.*, p. 41.
([122]) Wilson, *op. cit.*, pp. 124-125.
([123]) Purves, *op. cit.*, p. 41.
([124]) *Id.*, p. 42.
([125]) *Livro de Actas do Consistório da Igreja Escocesa da Madeira*, Funchal, 1840-1850, entrada sob a data de 6 de Janeiro de 1834.
([126]) Purves, *op. cit.*, p. 43.
([127]) *Folha de Estatística da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal*, para o ano de 1961.
([128]) Purves, *op. cit.*, p. 57.
([129]) Tucker, *op. cit.*, p. 32.
([130]) Rocha, *op. cit.*, volume 3.º, p. 151.
([131]) *Id.*, vol. 3, p. 25.
([132]) Dagama, *op. cit.*, pp. 177-178.
([133]) Rocha, *op. cit.*, vol. 1, p. 18.
([134]) Dagama, *op. cit.*, p. 178.
([135]) *Id.*, p. 178.
([136]) DeShara, *op. cit.*, p. 5.
([137]) Carta às Igrejas Portuguesas de Springfield e Jacksonville, Illinois, datadas de Nottingham, Inglaterra, de 24 de Janeiro de 1855.
([138]) Purves, *op. cit.*, p. 58.
([139]) Rocha, *op. cit.*, vol. 1, p. 33.
([140]) Júlio Andrade Ferreira, *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*, vol. 1.º, São Paulo, 1959, p. 15.

(141) Rocha, *op. cit.*, pp. 73-74.
(142) John Taylor Tucker, *Compêndio de História de Missões,* Lisboa, 1954, pp. 241-242.
(143) Rocha, *op. cit.*, vol. 1, pp. 37, etc.
(144) *Id.*, vol. 1, pp. 54, etc.; pp. 83, etc.
(145) *Id.*, vol. 1, p. 70. O artigo foi publicado no Rio de Janeiro em *O Correio Mercantil* em 20 de Novembro de 1855.
(146) *Id.*, vol. 1, p. 70.
(147) *Id.*, vol. 1, p. 101.
(148) Moreira, *Vidas Convergentes,* p. 188.
(149) Ferreira, *op. cit.*, p. 15.
(150) Moreira, *Vidas Convergentes,* p. 188.
(151) Carta do Dr. R. R. Kalley citada no *Neglected Continents,* Toronto, 1932, o artigo de F. C. Glass, *A Great Pioneer,* pp. 19-21.
(152) Rocha, *op. cit.*, vol. 1, pp. 115, etc.
(153) *Id.*, vol. 2, pp. 74, etc.
(154) Carta do Rev. Asbel Green Simonton ao Dr. J. Leighton Wilson, secretário da Junta Pesbiteriana de Missões Estrangeiras em New York, datada do Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1859.
(155) *Id.*, sob data do Rio de Janeiro em 24 de Dezembro de 1859.
(156) F. C. Glass, artigo no *A Great Pioneer,* publicado no *Neglected Continents,* 1932 pp. 12-21. (Com referência ao Rev. James Fanstone, ele escreveu o seguinte parágrafo: «este valoroso jovem desembarcou em Pernambuco escorado num par de muletas, com tão tremenda desvantagem e sob tanta zombaria e perseguição, semelhantes àquelas que Dr. Kalley suportou. Ele revigorou o trabalho e estendeu seus limites até o interior de Pernambuco, e ao mesmo tempo em que se mantinha e sustentava numerosa família ensinando inglês aos brasileiros.
(157) Rocha, *op. cit.*, vol. 2, p. 166.

(158) Os títulos originais destes folhetos em português são os seguintes: «A Serpente de Bronze», «A Divina Autoridade do Novo Testamento», «Que é a Bíblia ?», «O Ladrão na Cruz», «O Culto Doméstico», «O Mundo Feliz», «Incidentes nos Caminhos de Ferro», «O Remédio Eficaz para os mais Desesperados», «A Semana Santa», «Domingo de Ramos» e «Frei Bartolomeu».

(159) Rocha, *op. cit.*, vol. 3, p. 17. O título português dado à tradução do Livro de John Bunyon — *Holy War* — é *As Guerras da Famosa Cidade da Alma Humana.*

(160) Rocha, *op. cit.*, vol. 1, p. 47.

(161) *Id., vol.* 1, p. 50.

(162) *Id.*, vol. 2, p. 265.

(163) Robert R. Kalley, *Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo,* Rio de Janeiro, 1876, pp. 1-12.

(164) Os títulos em português dos artigos que apareceram em *O Correio Mercantil* e *O Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro são os seguintes:

A Regra de Nossa Fé
Uma Confissão Importante
O Jesuitismo na Corte
Que é o Mundo ?
Imperium Brasiliense in Imperio Eclesiástico, com o subtítulo: Jurisdição Absoluta do Sacerdote sem Recurso à Coroa ou a Outro Qualquer Poder.
As Escrituras Sagradas
A Sentença de Excomunhão.

(165) Rocha, *op. cit.*, vol. 2, p. 130.

(166) *Id.*, vol. 2, p. 219.

(167) Salmos e Hinos, 1.ª edição, publicada pela Tipografia Laemmert, Rio de Janeiro, 1861.

(168) O apêndice da 1.ª edição do Salmos e Hinos continha os seguintes novos hinos, que se podem encontrar em edições mais recentes desse mesmo hinário:

«Falamos do mundo feliz»
«Vinde, pobres pecadores»
«Senhor Jesus, ensina-nos...»
«Jesus ressuscitou»
«Ando errante no deserto»
«Quero louvar meu Salvador»

(169) Rocha, *op. cit.*, vo.l 1, p. 168.

(170) Salmos e Hinos, edição de 1959, publicado pela Igreja Evangélica Fluminense, Rio de Janeiro, 1959.

(171) Sara P. Kalley, *Música Sácra,* Leipzig, 1868.

(172) Ferreira, *op. cit.*, p. 200.

(173) Tucker, Heróis da Cruz, p. 37.

(174) Rocha, *op. cit.*, vol. 1, Introdução, p. 8.

(175) Ferreira, *op. cit.*, p. 200.

(176) Moreira, *The Significance of Portugal,* pp. 28-29.

(177) Robert R. Kalley, *O Darbismo,* Lisboa, 1891, publicado pòstumamente. Este livrinho é uma colecção de oito longas e minuciosas cartas pastorais, que o Dr. Kalley escreveu em sua residência em Typper Lin Road, Edimburgo, durante os anos de 1878 e 1879. As cartas tratam dos erros doutrinários do Darbismo, e são endereçadas à Igreja Evangélica Fluminense. Em apêndice estão notas extensas em resposta a um folheto publicado por Richard Holden, apologista da doutrina dos Plymouth Brethren, no Rio de Janeiro. Mr. Holden tinha sido anteriormente Anglicano, e era um agente da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira no Rio. Tinha estado intimamente associado com o Dr. Kalley e com a Igreja Fluminense, até a época em que se tornou darbista.

(178) Kalley, *O Darbismo,* p. 26.
(179) Rocha, *op. cit.*, vol. 2, p. 136.
(180) Rocha, *op. cit.*, vol. 2, p. 37.
(181) Moreira, *Vidas Convergentes,* p. 190.
(182) Rocha, *op. cit.*, vol. 2, p. 37.
(183) Kalley, *Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo.* Esta confissão de fé foi adoptada pela Igreja Evangélica Fluminense, em 2 de Julho de 1876, e ainda hoje constitui o padrão de doutrinas das Igrejas Congregacionais do Brasil e de Portugal.
(184) Wilson, *op. cit.*, pp. 9-12.
(185) W. H. Prestly, *The History of the Presbytery of Springfield, Synod of Illinois, 1870-1888,* Decatur, 1888, pp. 42, etc. Os livros de actas destas respectivas igrejas foram também consultadas.

ACABOU-SE DE IMPRIMIR
AOS 27 DE SETEMBRO DE 1963
NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA PAPELARIA FERNANDES — LISBOA